



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

MEIRE JANE MENDONÇA BRITO

**DISCURSOS DE IMIGRANTES HAITIANOS SOBRE O HAITI: REGULARIDADES
E DISPERSÕES**

Porto Velho, RO.

2018

MEIRE JANE MENDONÇA BRITO

**DISCURSOS DE IMIGRANTES HAITIANOS SOBRE O HAITI: REGULARIDADES
E DISPERSÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras. Linha de pesquisa: Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens.

Orientadora: Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

Porto Velho, RO.

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

B862d Brito, Meire Jane Mendonça.

Discursos de imigrantes haitianos sobre o Haiti : regularidades e dispersões / Meire Jane Mendonça Brito. -- Porto Velho, RO, 2018.

77 f. : il.

Orientador(a): Prof. PhD Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Imigração Haitiana. 2.Identidade. 3.Regularidade. 4.Dispersão. I. Cotinguiba, Marília Lima Pimentel. II. Título.

CDU 81

Bibliotecário(a) Ozelina do Carmo de Carvalho

CRB 11/486

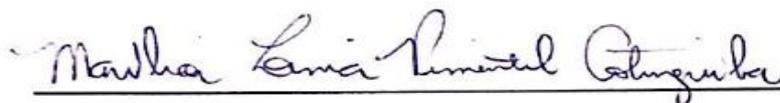
TERMO DE APROVAÇÃO

MEIRE JANE MENDONÇA BRITO

DISCURSO DE IMIGRANTES HAITIANOS SOBRE O HAITI: REGULARIDADES E DISPERSÕES

Dissertação julgada suficiente como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Acadêmico em Letras, e aprovada, em sua forma final, pela banca examinadora, aos 23 dias do mês de novembro do ano de 2018.

BANCA EXAMINADORA



**Orientadora: Profa. Dra. Marília Lima Pimentel
Cotinguiba
Presidente da banca
Fundação Universidade Federal de Rondônia**

**Profa. Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto
Membro Externo
Fundação Universidade Federal de
Rondônia**

**Profa. Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral
Membro Interno
Fundação Universidade Federal de
Rondônia**

**Profa. Dra. Sonia Maria Gomes Sampaio
Membro Suplente
Fundação Universidade Federal de Rondônia**

Porto Velho, 23 de novembro de 2018

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria da
Conceição Mendonça.

Ao meu pai, Lovaias Ferreira Brito.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me abençoar com este mestrado e por me dar forças e sabedoria durante a jornada e a conclusão.

Aos meus pais, pelo incentivo, pela dedicação à minha educação como ser humano.

Ao meu companheiro fiel, Vagner, por ter estado ao meu lado em cada instante desse percurso, pelas palavras de estímulo e por me apoiar de forma paciente.

Em especial, aos haitianos interlocutores desta pesquisa, eles foram de suma importância para a realização deste trabalho, pelo carinho e respeito, às muitas experiências compartilhadas e colaboração. Por todos que já passaram e deixaram um pouco de suas vivências, principalmente àqueles que foram meus primeiros alunos na turma de Iniciantes. Com a certeza, que contribuíram para que eu abraçasse a minha profissão.

Aos amigos: Valner Dieudus, Dieugrand Phillippe e Edmund pelas traduções nos encontros, pelos momentos compartilhados em suas trajetórias, por todo carinho e confiança.

Imensamente, a minha querida “mãe” e orientadora professora Dr^a Marília Lima Pimentel Cotinguiba, por me apresentar as oportunidades que a vida acadêmica oferece, pela dedicação e disponibilidade nesta jornada. Serei eternamente grata.

Ao pesquisador Geraldo, por compartilhar seus conhecimentos de antropólogo e por toda contribuição no MIMCAB.

Ao MIMCAB e a todos os participantes que nele atuaram e atuam, pela fonte de conhecimento e experiências que me proporcionaram, em saber na prática o verdadeiro significado de obstáculos e barreiras a serem vencidos.

A minha querida irmã, Gilda, pelo apoio em todas as situações e por ter acreditado nos meus projetos.

Ao meu cunhado, Anselmo, por ter me acolhido e percebido as minhas necessidades enquanto estava longe de meus pais.

Em especial, a minha querida e grandiosa amiga, Elisângela de Lima, pelo companheirismo, leituras, discussões, a parceira nos trabalhos acadêmicos, pelos

cafés, por ter presenciado às minhas alegrias, angústias e preocupações, sejam elas acadêmicas ou pessoais, pela amizade sólida.

A minha amiga e colega de profissão, Glaucya, pelo amparo emocional, pela ajuda enquanto estive no processo de conciliação de estudos e trabalho.

Aos meus professores do Mestrado, Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral, Dr. Valdir Vegini, Dra. Sônia Sampaio, Dr. Miguel Nenevé, Dra. Natália Cristine Prado, Dra. Odete Burgeile pelos conhecimentos transmitidos, por me guiarem nesse desafio acadêmico.

A Prof^a Dra. Auxiliadora dos Santos pelas considerações na Banca de Qualificação.

Ao querido, Tiago Freitas, pelo incentivo no grupo de estudos ao ingresso no Mestrado em Letras.

Aos meus amigos, Alan Prazeres e Patrícia Silva, pelo companheirismo e cumplicidade no Estágio de Docência.

A Capes pelo financiamento.

Muito obrigada!

“Para não sucumbir, exige-se uma solidariedade entre as nações. É a solidariedade e a fraternidade aquilo de que o mundo precisa mais para sobreviver e encontrar o caminho da paz”.

(Drª Zilda Arns (in memoriam), missionária Brasileira que trabalhou incansavelmente pelo povo haitiano).

RESUMO

O objeto desta dissertação é a análise dos discursos de imigrantes haitianos residentes em Porto Velho. A migração, como questão da nossa investigação gerou a seguinte questão norteadora: A reterritorialização para Porto Velho alterou o curso identitário dos haitianos em relação ao pertencimento à pátria? O objetivo geral foi analisar, pela ótica da análise de discurso de linha francesa, os comentários de haitianos e haitianos residentes em Porto Velho, sobre o hino nacional do Haiti e sobre a bandeira do país caribenho. Especificamente, buscamos: a) Descrever elementos da memória presentes nos enunciados expressos pelos haitianos; b) Levantar aspectos da identidade e pertencimento ao país de origem em discursos de sujeitos haitianos e c) Detectar as formações discursivas nos discursos desses sujeitos, descrevendo as regularidades e as dispersões nas interpretações feitas pelos imigrantes sobre o hino nacional e sobre a bandeira do Haiti. Caracterizamos este estudo como sendo do tipo qualitativo e, como método de análise, utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa. O corpus do nosso trabalho é constituído por entrevistas e conversas de cinco sujeitos haitianos reterritorializados em Porto Velho. O tema das entrevistas e conversas versou, principalmente sobre três temáticas, quais sejam: uma relacionada ao hino nacional haitiano, outra relacionada à história da bandeira haitiana e, por fim, uma relacionada aos sentimentos dos imigrantes em relação ao país de origem – Haiti. Os principais referenciais que fundamentaram a pesquisa foram os estudos de Canclini (2003), Castells (2008) e Lastinge (2004) sobre identidade e pertencimento, de Gregolin (1995), Orlandi (2006) e Foucault (1969) sobre análise de discurso e de Samora (2015), Handerson (2015), Cotinguiba (2014) e Cotinguiba e Pimentel (2015) a respeito de estudos de migração. A análise dos dados aponta para regularidades discursivas da valorização do hino haitiano como símbolo de liberdade e de luta dos seus antepassados. Dispersivamente, ainda pudemos notar que ouvir no “novo” território a língua creole falada no Haiti, é ativado um sentimento de saudade e nostalgia entre os imigrantes reterritorializados em Porto Velho

Palavras-chave: Imigração Haitiana; Identidade; Regularidade; Dispersão.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is the analysis of the discourses of Haitian immigrants living in Porto Velho. Migration, as a matter of our investigation, led to the following guiding question: Did re-territorialization for Porto Velho alter the identity of Haitians in relation to their homeland? The general objective was to analyze the comments of Haitians and Haitians living in Porto Velho, on the national anthem of Haiti and on the flag of the Caribbean country. Specifically, we seek to: a) Describe elements of memory present in the statements expressed by Haitians; b) To raise aspects of identity and belonging to the country of origin in discourses of Haitian subjects and c) To detect the discursive formations in the discourses of these subjects, describing the regularities and dispersions in the interpretations made by the immigrants about the national anthem and the flag of Haiti. We characterized this study as being of the qualitative type and, as a method of analysis, we used the French Line Discourse Analysis. The corpus of our work consists of interviews and conversations of five Haitian subjects reterritorialized in Porto Velho. The theme of the interviews and conversations was mainly on three themes, namely: one related to the Haitian national anthem, another related to the history of the Haitian flag and, finally, one related to the feelings of the immigrants in relation to the country of origin - Haiti. The main references that supported the research were the studies of Gregolin (1995), Orlandi (2006) and Foucault (1969) on discourse analysis and Canclini (2003), Castells (2008) and Lastinge of Samora (2015), Handerson (2015), Cotinguiba (2014) and Cotinguiba and Pimentel (2015) regarding migration studies. The analysis of the data points to discursive regularities of the valorization of the Haitian hymn as a symbol of freedom and struggle of its ancestors. Dispersingly, we could still notice that hearing the Creole language spoken in Haiti in the "new" territory, a feeling of longing and nostalgia among the re-territorialized immigrants in Porto Velho is activated.

Keywords: *Haitian immigration; Identity; Regularity; Dispersal.*

RÉSUMÉ

L'objectif de cette thèse est l'analyse des discours des immigrés haïtiens vivant à Porto Velho. Notre enquête a abouti à la question des migrations: la reterritorialisation de Porto Velho a-t-elle modifié l'identité des Haïtiens par rapport à leur pays d'origine? L'objectif général était d'analyser les commentaires des Haïtiens et des Haïtiens vivant à Porto Velho, sur l'hymne national d'Haïti et sur le drapeau du pays des Caraïbes. Plus précisément, nous cherchons à: a) décrire les éléments de la mémoire présents dans les déclarations exprimées par les Haïtiens; b) Déceler les formations discursives dans les discours de ces sujets, en décrivant les régularités et les dispersions dans les interprétations faites par les immigrés à propos de l'hymne national et du drapeau haïtien. Nous avons caractérisé cette étude comme étant de type qualitatif et, comme méthode d'analyse, nous avons utilisé l'analyse du discours de ligne en français. Le corpus de notre travail comprend des interviews et des conversations de cinq sujets haïtiens reterritorialisés à Porto Velho. Les entretiens et les conversations ont principalement porté sur trois thèmes: l'un relatif à l'hymne national haïtien, l'autre à l'histoire du drapeau haïtien et, enfin, l'autre relatif aux sentiments des immigrés vis-à-vis du pays d'origine - Haïti. Les principales références ayant soutenu la recherche sont les études de Gregolin (1995), Orlandi (2006) et Foucault (1969) sur l'analyse du discours et Canclini (2003), Castells (2008) et Lastinge. de Samora (2015), Handerson (2015), Cotinguiba (2014) et Cotinguiba et Pimentel (2015) concernant les études sur la migration. L'analyse des données suggère des régularités discursives de la valorisation de l'hymne haïtien en tant que symbole de la liberté et de la lutte de ses ancêtres. De manière dispersée, nous avons encore remarqué que lorsque l'on entend la langue créole parlée à Haïti sur le "nouveau" territoire, le sentiment de nostalgie et de nostalgie des immigrés reterritorialisés à Porto Velho est activé.

Mots-clés: immigration haïtienne; Identité; La régularité; La dispersion

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - aulas para iniciantes.....	16
Imagem 2 - aulas para iniciantes.....	17
Imagem 3 - Fonte: Arquivo do MIMCAB.....	18
Quadro 1 - Figura 1 – Quadro do perfil dos entrevistados	25
Imagem 4 - Encontro com os haitianos em 2018	27
Imagem 5 - Encontro com os haitianos em 2018	27
Imagem 6 - Encontro com os haitianos em 2018	28
Imagem 7 - Encontro com os haitianos em 2018	28
Imagem 8 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB.....	34
Figura 1 - Toussaint, líder da revolta haitiana, libertador do Haiti	43
Quadro 2 - Ato de independência do Haiti	44
Quadro 3 - Versões do Hino Haitiano.....	45
Imagem 9 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB	48
Imagem 10 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB.....	49
Figura 2 - A bandeira da república do Haiti	50
Imagem 11 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB.....	51
Quadro 4 - Quadro de regularidade sobre memória.....	58
Quadro 5 - Quadro de dispersão sobre memória	59
Quadro 6 - Quadro de regularidade sobre identidade e pertencimento	63
Imagem 12 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB.....	64
Quadro 7 - Quadro de dispersão sobre identidade e pertencimento.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIR	Fundação Universidade Federal de Rondônia
MIMCAB	Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira
ML	Mestrado Acadêmico em Letras
USP	Universidade de São Paulo
ABC	Região metropolitana industrial de São Paulo
AD	Análise de discurso

SUMÁRIO

1 A PESQUISA.....	14
1.1 APRESENTAÇÃO.....	14
1.2 INTRODUÇÃO.....	18
1.3 RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....	20
1.4 OBJETIVOS.....	21
1.4.1 OBJETIVO GERAL.....	21
1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
1.5 METODOLOGIA APLICADA.....	22
1.6 CORPUS.....	24
2 O APORTE TEÓRICO.....	26
2.1 MEMÓRIA.....	26
2.2 TERRITORIALIDADE, CULTURA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE.....	30
2.2.1 TERRITORIALIDADE.....	30
2.2.2 CULTURA.....	31
2.2.3 PERTENCIMENTO E IDENTIDADE.....	33
2.3 ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA.....	36
2.3.1 FORMAÇÕES DISCURSIVAS: REGULARIDADE E DISPERSÃO.....	39
3 O HAITI.....	42
3.1 BREVES RELATOS HISTÓRICOS DO HAITI.....	42
3.2 O HINO NACIONAL DO HAITI.....	45
3.3 A BANDEIRA HAITIANA.....	48
3.4 A DIÁSPORA.....	51
3.5 O PROCESSO DE MIGRAÇÃO PARA PORTO VELHO/RO.....	53
4. AS ANÁLISES DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO.....	54
4.1 DISCURSOS REGULARES E DISPERSOS SOBRE A MEMÓRIA.....	55
4.2 Discursos regulares e dispersões sobre a Identidade e pertencimento.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69
Sites consultados.....	71
APÊNDICE A.....	71
Transcrição 1.....	71
Transcrição 2.....	72
Transcrição 3.....	74
Transcrição 4.....	75
Transcrição 5.....	76

1A PESQUISA

Nesta seção, pretendemos situar o leitor quanto a nossa trajetória como pesquisadora das questões de linguagem e migração, envolvendo, sobretudo, o povo diásporodo Haiti, no Brasil, especificamente na cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Para atingirmos essa meta, traçamos subseções que reportam aos conteúdos de: a) apresentação; b) relevância da pesquisa; c) objetivos; d) metodologia aplicada; e) corpus e f) critérios de análise.

1.1 APRESENTAÇÃO

Tive acesso à graduação aos 17 anos, no curso de Letras Português em 2011 na Universidade Federal de Rondônia. Dois anos anteriores, saí de uma comunidade ribeirinha chamada Terra Caída, localizada no Baixo - Madeira na qual morava com meus pais. Saí dessa localidade por falta de recursos nos estudos do Ensino Médio, a falta de professores, a falta de transporte, colaboravam para que muitos alunos dessa área viessem para a cidade, pois estudávamos em uma vila vizinha, o Distrito de São Carlos, e dependíamos muito do transporte para a nossa locomoção.

Dediquei-me ao vestibular da UNIR, numa área tão almejada por mim, Letras/ Português. Na época, tínhamos que fazer duas etapas, a primeira a do Exame Nacional do Ensino Médio e a segunda já mencionada acima, o vestibular da UNIR. Consegui o ingresso e, no ano de 2012, a turma foi apresentada a uma disciplina, Literatura Portuguesa, ministrada pela Prof^a Dra Marília Lima Pimentel Cotinguiba, a qual nos proporcionou o conhecimento e a participação no Projeto de extensão e pesquisa da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, intitulado, “Migração Internacional na Amazônia Brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho coordenado também pelo professor e antropólogo Geraldo Castro Cotinguiba, vinculado ao Laboratório de Estudos da Oralidade – LEO, ao Grupo de Estudos Migrações, Memória e Cultura na Amazônia brasileira – MIMCAB, ao Núcleo de Ciências Humanas da Unir e contava com a parceria da Pastoral do Migrante e da Secretaria Estadual de Assistência Social – SEAS.

1

Por meio do projeto de extensão supracitado, o principal objetivo era ensinar a língua portuguesa, para que esses imigrantes fossem inseridos no mercado de trabalho, especificamente em Porto Velho. Tendo em vista a problemática da barreira linguística, a igreja católica iniciou um curso de português para os imigrantes haitianos; as aulas eram ministradas em uma sala cedida pela Paróquia São João Bosco, por um professor haitiano, que já havia aprendido a língua. Em meados de 2011, essa atividade foi vinculada à Universidade e tornou-se um projeto de extensão e pesquisa. Com a chegada de novos haitianos, houve a necessidade de um espaço maior, pois a sala cedida pela igreja não comportava mais tantos alunos. Dessa maneira, firmou-se uma parceria com a Escola Estadual 21 de Abril, localizada na rua Rafael Vaz e Silva, no bairro Liberdade, local onde até o presente momento as aulas são ministradas.

Em 2014, atuei no Programa de Iniciação à Docência/UNIR, identificando as práticas de leitura da literatura na sala de aula também na Escola Estadual 21 de Abril, com o objetivo de saber se os professores desenvolviam atividades de leitura nas aulas, com os alunos do Ensino Fundamental II, sob a orientação da professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba, docente que me motivou ao término da graduação, o ingresso no Mestrado em Letras pela Universidade Federal. Em 2016 fui aprovada, sob orientação de Cotinguiba.

O projeto de extensão e pesquisa do qual participamos desde 2012, revelou-nos várias possibilidades de pesquisas que ainda não haviam sido realizadas em Porto Velho em relação à migração haitiana. Dentre os temas relacionados a essa imigração, aspectos como inserção social, motivos de migração, religião, parentesco, trabalho, chamaram atenção. A esses, dentre outros, o aprendizado da língua se mostra como um campo de abordagem rico em informações para ser contemplado pela pesquisa linguística e antropológica, pois é um dos principais recursos no processo de inserção social desses imigrantes na cidade de Porto Velho.

¹ O conceito clássico de diáspora repousa sobre a ideia de dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude da perseguição de grupos dominadores e intolerantes. Sabemos que indivíduos pertencentes a períodos históricos diferenciados presenciaram situações de diáspora. Ver também James Clifford. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1997.



Imagem 1 - Aulas para iniciantes

Fonte:Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.



Imagem 2 - Aulas para iniciantes

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.



Imagem 3 - Fonte: Arquivo do MIMCAB

Fonte: Os autores (2019).

1.2 INTRODUÇÃO

O estudo trabalhará questões de mobilidade transnacionalhaitiana. Trata-se de uma investigação prioritariamente de imigrantes haitianos residentes em Rondônia, mais especificamente na capital, Porto Velho. É válido comentar que trabalhamos com a temática desde a graduação em Letras também na UNIR, através do grupo de pesquisa MIMCAB. Na graduação em Letras a pesquisa teve como foco o processo de ensino e de aprendizado da língua portuguesa para esses imigrantes. Já nos estudos do Mestrado optamos por trabalhar a língua por um sentido outro, o de caráter discursivo apoiado em teorias da análise de discurso francesa.

Não é nosso intuito, neste trabalho, traçar abordagens quanto aos problemas sociais e econômicos do Haiti e dos haitianos que estão no Brasil. Essa abordagem justifica-se justamente por apresentar estudos complementares a essas causas, buscando extrair elementos identitários dos haitianos residentes em Porto

Velho. Dessa forma, pretendemos descrever elementos da memória no discurso dos haitianos e haitianas, bem como levantar aspectos da identidade e pertencimento da pátria caribenha e detectar as formações discursivas nos discursos desses sujeitos, descrevendo as regularidades e dispersões nas interpretações feitas pelos imigrantes sobre o hino nacional e a bandeira do Haiti.

Por esse viés discursivo, considerando o que está sendo transmitido pelos imigrantes haitianos, buscamos extrair ideologias sobre a pátria por meio de regularidades e dispersões.

O corpus do nosso trabalho é constituído pelos enunciados discursivos de cinco sujeitos haitianos reterritorializados em Porto Velho. As conversas e entrevistas como os nossos interlocutores versaram sobre três aspectos: uma

2

relacionada ao hino nacional haitiano, outra relacionada à história da bandeira haitiana e uma última, para que eles explanassem sobre seus sentimentos em relação ao país de origem – Haiti.

Os principais referenciais que fundamentaram a pesquisa foram os estudos de Canclini (2003), Castells (2008) e Lastinge (2004) sobre identidade e pertencimento, de Gregolin (1995), Orlandi (2006) e Foucault (1969) sobre análise de discurso e de Samora (2015), Handerson (2015) e Cotinguiba e Pimentel (2015) a respeito de estudos de migração.

Esta pesquisa vem contribuir com os estudos de linguagem pela ótica da análise de discurso de linha francesa e está organizada em quatro seções. A primeira intitulada de Processos Metodológicos delimita o fenômeno a ser pesquisado e descreve as etapas para a realização da pesquisa.

A segunda seção, denominada Base Teórica e Contextual, expõe considerações sobre as formações identitárias do sujeito haitiano e as perspectivas teóricas aplicadas nos discursos analisados.

Na terceira seção, destaca aspectos históricos do Haiti e elementos identitários de seu povo. Apresenta-se também o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil.

² Trata-se de um conceito bastante discutido na migração. Os principais autores que discutem esse conceito (FOURON & SCHILLER, 1990; 2001; SCHILLER, BASCH & SZANTON-BLANC, 1992) definem transmigrante como uma pessoa que vive em dois ou mais países ao mesmo tempo, de modo que suas ações influenciam e interferem em seu lugar de origem e, ao mesmo tempo, no local onde se encontra. Não é intuito deste trabalho discutir práticas transnacionais haitianas no Brasil.

Na quarta e última seção, Análise dos Dados e Resultados, apresentamos os resultados da pesquisa e a interpretação dos dados acompanhados pelos discursos regulares e dispersos sobre memória, pertencimento e identidade dos sujeitos haitianos. Durante a caminhada de leitura, nosso leitor perceberá que optamos por uma linha de escrita coesa, enxuta e direta, em que os conteúdos aqui abordados são essenciais para a compreensão da dimensão da pesquisa.

Nas considerações finais, enfatizamos que os haitianos apontaram, em suas regularidades discursivas, para uma cultura de valorização ao hino haitiano como símbolo de liberdade e de luta dos seus antepassados. Dispersivamente, ainda pudemos notar que ouvir no “novo” território a língua creole falada no Haiti, é motivo de saudade e nostalgia entre os imigrantes reterritorializados em Porto Velho.

1.3 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

São inúmeras as pesquisas que trabalharam a temática da migração haitiana no Brasil e até mesmo em Porto Velho, segundo o núcleo de estudos das diversidades, intolerâncias e conflitos – Diversitas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, alguns estudos sobre essa questão são: A inserção de um grupo de imigrantes haitianos em São André, São Paulo. Uma dissertação de Mestrado do curso de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC defendida em 2015, cujo autor é Adriano Alves de Aquino Araújo. Também aparecem os estudos de Handerson Joseph nos graus de mestrado e doutorado. Em seu mestrado em ciências social pela Universidade Federal de Pelotas, o autor pesquisou o Vodou no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano. Em seu doutorado em Antropologia Social pela UFRJ, Handerson pesquisou as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa, tornando-se referência na temática.

Outro estudo importante foi elaborado por Vasconcelos (2010) cuja dissertação intitulada “A minustah e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da folha de São Paulo” fora defendida no programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Goiás. Uma pesquisa de Mestrado do programa de pós-graduação em História da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tratou da investigação de porto a porto: o eldorado

brasileiro na percepção dos imigrantes haitianos em Porto Velho-RO, cuja autoria é de Ana Paula Pellegrino Gottardi.

Dentre essas investigações no âmbito da Universidade Federal de Rondônia, podemos ressaltar os estudos de Samora (2015) cujo trabalho “Um recorte do discurso midiático sobre o processo de imigração haitiano na Amazônia: uma análise das regularidades discursivas”, fora defendido no mestrado em Letras da UNIR, sob orientação da profa. Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba – importante pesquisadora da área de imigração na região norte. Não podemos deixar de mencionar os estudos de Geraldo Cotinguiba (2014), que defendeu no mestrado em História da UNIR o trabalho “Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios”.

Nossa intenção é complementar essa gama de estudos sobre o Haiti, observando o fenômeno da memória e identidade haitiana, cujos sentimentos refiram-se aos imigrantes reterritorializados em Porto Velho, em relação à bandeira e ao hino oficial da república haitiana. Esse objeto vem do encontro com o que mensura a primeira linha do mestrado acadêmico em Letras que se reporta aos estudos descritivos e aplicados de línguas e linguagens .

Isso será possível, pela delimitação da nossa investigação, conforme os objetivos traçados na próxima subseção.

1.4 OBJETIVOS

Apresentamos a seguir os objetivos da nossa pesquisa de mestrado acadêmico.

1.4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar pela ótica da análise de discurso de linha francesa, os discursivos de haitianos residentes em Porto Velho, sobre o hino nacional do Haiti e sobre a bandeira do país caribenho.

1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, elegemos: a) Descrever elementos da memória exarados pelos haitianos; b) Levantar aspectos da identidade e pertencimento da pátria caribenha em discursos de sujeitos haitianos e c) Descrever as formações discursivas nos discursos desses sujeitos, descrevendo as regularidades e dispersões nas interpretações feitas pelos imigrantes sobre o hino nacional e a bandeira do Haiti

1.5 METODOLOGIA APLICADA

Com o surgimento de novas tecnologias, pesquisas em diversos campos do conhecimento começaram a se modernizar no que diz respeito ao método de análise dos dados. Atualmente, um dos aspectos metodológicos mais utilizados em pesquisas é a análise de vídeos (PLANAS, 2006). Nesse contexto, diversos pesquisadores aplicam determinadas atividades para um grupo de sujeitos e praticam a observação das ações, com transcrições de falas desses sujeitos. Esse método, foi, na nossa concepção, o mais viável para a coleta de dados que apresentamos ao longo da nossa dissertação. Segundo Planas (2006),

Transcrever vídeos é a ação de transformar o que se ouve (palavras, músicas, sons, etc.) em textos escritos. De extrema importância para várias partes da sociedade, como legenda de filmes, entre outros, a transcrição vem sendo usada com certa frequência como recurso metodológico em pesquisas na área da educação.

Dessa forma, Pallatieri e Grando (2010) destacam que o registro em vídeo é importante para “registrar o movimento das ações mentais e corporais” dos sujeitos pesquisados. Segundo Powell, Francisco e Maher (2004) apud Clement (2000) e Martin (1999),

[...] o vídeo é um importante e flexível instrumento para coleta de informação oral e visual. Ele pode capturar comportamentos valiosos e interações complexas e permite aos pesquisadores reexaminar continuamente os dados. Ele estende e aprimora as possibilidades da pesquisa observacional pela captura do desvelar momento-a-momento, de nuances sutis na fala e no comportamento não verbal. E é superior às notas do observador, uma vez que não envolve edição automática (p. 86).

Aplicamos, em nossa pesquisa, atividades com os cinco haitianos, uma relacionada ao hino nacional haitiano, teoria e descrição, outra relacionada à história da bandeira haitiana e uma última, para que eles explanassem sobre seus sentimentos em relação ao país de origem – Haiti. A partir da gravação desses

vídeos, nossa intenção foi seguir com o método elaborado por Lima (2013), que efetivou a ação em seis fases, a saber.

Na primeira fase, o comando é para assistir aos vídeos. Segundo o autor a ideia é, basicamente, assistir aos vídeos gravados durante a pesquisa sem a intenção de registrar acontecimentos ou relatar fatos do vídeo. É aconselhado que o pesquisador assista aos vídeos para se acostumar com as filmagens, reconhecer os sujeitos, entender sobre o que eles estão discutindo, entre outras coisas. É importante que o pesquisador tenha em mente os objetivos de sua pesquisa e já na primeira observação vislumbre alguns resultados, ou seja, a análise de dados, por mais que superficial, já está presente na primeira observação dos vídeos.

Na segunda fase, a ação é selecionar os eventos críticos. Essa fase está muito conectada com a anterior. Segundo Lima (2013), o pesquisador deve selecionar os eventos críticos. Para isso, deve-se assistir ao vídeo novamente com um olhar clínico – diferente do empregado na fase 1 – na busca de momentos que podem ser interessantes para a pesquisa em questão. A importância da fase anterior fica evidente nesse momento. É bem mais interessante selecionar os dados depois de assistir aos vídeos ao menos uma vez. Uma primeira observação contribui bastante para o olhar do pesquisador na segunda observação dos vídeos.

Na fase terceira, deve-se descrever os eventos críticos. É preciso, segundo Lima (2013) descrever o que acontece nos eventos críticos. Essa descrição também acontece em duas partes. Na primeira, o(s) pesquisador(es) devem relatar em textos curtos o que acontece em tal situação. Essa primeira parte auxilia na localização do pesquisador dentro do vídeo, pois os textos curtos sinalizam a principal ideia do evento crítico. Na segunda parte, é preciso que o(s) pesquisador(es) façam descrições mais elaboradas dos eventos críticos. Isso exige que os vídeos, ou ao menos os eventos críticos sejam assistidos mais uma vez, o que pode ser considerado um ponto forte do modelo aqui proposto.

Na quarta fase, é necessário transcrever os eventos críticos. Depois de descrever, inicia-se o processo de transcrição dos dados. Nessa fase, é preciso ouvir/assistir aos eventos críticos e registrar, em forma de texto, tudo que os participantes do vídeo falam. Todas as fases anteriores foram elaboradas a fim de diminuir a carga de trabalho da fase quatro, além de refinar os dados. Enquanto na primeira estratégia se transcrevia todas as falas, para depois selecionar os eventos críticos, nesse modelo fazemos o caminho inverso.

Na quinta fase da metodologia proposta por Lima (2013) deve-se discutir os dados encontrados. É nela que basicamente está um prelúdio do que pode aparecer para discussão e análise dos dados da pesquisa. Como cada pesquisador tem sua percepção a partir dos dados recolhidos nos passos anteriores, a discussão é o momento de compartilhar entendimentos e ideias. Mesmo pesquisas realizadas por um único pesquisador precisam de um momento de discussão, que nesse caso pode ser entendido como uma reflexão dos dados transcritos.

Na última fase, é necessário limpar as transcrições, isso porque segundo Lima (2013), a limpeza de dados é a finalização do processo de análise de vídeos. Nesse momento, separa-se os dados que vão colaborar para a pesquisa dos dados que não colaborarão ou que serão úteis em outros trabalhos. Importante dizer que essa fase pode não acontecer, caso a discussão gerada na fase seis não levante a possibilidade de dados que não serão utilizados. Antes de destacarmos algumas considerações sobre o modelo aqui apresentado, gostaria de evidenciar que o método utilizado pode apresentar seus pontos fracos, mas nenhum método é isento de falhas. Cabe ao pesquisador saber como trabalhar com as adversidades do modelo.

Após seguirmos esse método, nossos dados foram balizados à luz da análise de discurso de cunho francesa, captando sentimentos da memória histórica e também afetiva através da identidade e pertencimento do Haiti nos discursos de sujeitos haitianos que moram em Porto Velho/RO, além de compreender como funcionaram as formações discursivas desses sujeitos.

1.6 CORPUS

O corpus do nosso trabalho é constituído pelos enunciados discursivos de cinco sujeitos haitianos reterritorializados em Porto Velho que concederam entrevistas sobre três aspectos: uma relacionada ao hino nacional haitiano, outra relacionada à história da bandeira haitiana e uma última, para que eles explanassem sobre seus sentimentos em relação ao país de origem – Haiti. Os Haitianos selecionados fazem parte como alunos no Projeto de extensão e pesquisa da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, intitulado, “Migração Internacional na Amazônia Brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho coordenado pela Dra. Marília Cotinguiba e pelo professor e antropólogo Geraldo

Castro Cotinguiba, vinculado ao Grupo de Estudos Migrações, Memória e Cultura na Amazônia brasileira – MIMCAB, que pertence ao Núcleo de Ciências Humanas da UNIR. A seguir, apresentaremos o perfil dos nossos entrevistados em nossa pesquisa. Vejamos:

Quadro 1 - Figura 1 – Quadro do perfil dos entrevistados

Entrevistado	Sexo	Idade	Escolaridade
Rosline Baptiste	Femino	18	Ensino Médio incompleto 3º ano (cursando no Brasil na Escola castelo Branco)
Joseph Watsony	Masculino	25	Ensino Superior incompleto (cursando no Brasil na Universidade Federal de Rondônia)
Jean Pierre	Masculino	66	Ensino Fundamental incompleto (no Haiti)
Philippe Frantz	Masculino	35	Ensino Fundamental incompleto (no Haiti)
Adner Charles	Masculino	16	Ensino Médio incompleto (cursando no Brasil no Instituto Federal de Rondônia)

Fonte: organizado pela autora da dissertação.

Joseph Watsony foi um dos entrevistados que se aprofundou em contar resumidamente sua trajetória até a chegada ao Brasil. Deixou o Haiti em 01 de dezembro de 2014, chegando em 01 de janeiro de 2015. Passou pela República Dominicana, Panamá, Equador, Peru e finalmente, Brasil.

Passou por muita fome, roubo, ameaça de morte, especificamente no Peru, o que não esperava que encontrasse no caminho. E chegando ao Acre, dormiu na rua em um campo de futebol, numa noite de chuva.

Joseph Watsony foi um dos meus primeiros alunos no projeto do MIMCAB, no mesmo ano que saiu do Haiti ele havia terminado o ensino médio.

Atualmente, ele estuda na Universidade Federal de Rondônia e está cursando o 2º período de Filosofia. Casou-se no Brasil, sua esposa tem a mesma nacionalidade. Ele destaca que vive bem no Brasil, mas sem se esquecer dos problemas que enfrentou durante todo o trajeto.

20 APORTE TEÓRICO

Apresentaremos nesta seção teorias norteadoras para o desenvolvimento do nosso trabalho, dentre elas, elencamos: a) memória; b) Territorialidade, cultura, pertencimento e Identidade e c) análise de discurso de linha francesa – (considerações introdutórias) e os conceitos de regularidade e dispersão. Vejamos como essas teorias acomodam nossos estudos a partir da próxima subseção.

2.1 MEMÓRIA

Para Halbwachs (2004, p.25), “as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas, partindo-se da vivência em grupo”. Para esse autor,

Nós podemos criar representações do passado baseadas na percepção de outras pessoas, naquilo que imaginamos que aconteceu ou internalizando representações de uma memória histórica. A lembrança é uma imagem que ininterruptamente está junto com outras imagens e é, em larga medida, uma reconstrução do passado que é feita com a ajuda de dados emprestados do presente. (HALBWACHS, 2004, p.25).

Dessa forma, Halbwachs (2004, p. 26) nos menciona o fato de que não há memória que seja simplesmente imaginação pura e simples, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito, pois:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Blondel (1966, p.44) analisa que o passado oferece continuidade, “consistência e objetividade não por causa da memória individual, mas devido à intervenção de fatores sociais”, e por isso “tais fatores permitem ao sujeito registrar sua experiência em quadros coletivos de memória, nos quais compartilha com membros de seu grupo os eventos vividos” (BLONDEL 1966, p.44).

Já Pollak (1992) direciona-se ao sentido de que, “[...] a memória assemelha-se a um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Por esse motivo, nosso trabalho se estabelece a partir da memória individual, mas, também coletiva entre os sujeitos haitianos reterritorializados em Porto Velho/RO.



Imagem 4 - Encontro com os haitianos em 2018.

Fonte: arquivo da autora.



Imagem 5 - Encontro com os haitianos em 2018.

Fonte: arquivo da autora.



Imagem 6 - Encontro com os haitianos em 2018

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.



Fotografia 7 - Encontro com os haitianos em 2018

Fonte: arquivo MIMCAB

Um outro ponto que merece destaque, é que resolvemos também relacionar a memória aos estudos de Bruner (1991) sobre as características de narrativas, por

essa razão, abordamos em nossa dissertação a temática memória e narrativa. Para esse autor, a narrativa é o meio pelo qual organizamos nossas experiências e nossas memórias. Bruner (1991, p. 4) mensura que ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, as construções narrativas só podem alcançar verossimilhança. O autor afirma que as narrativas são soberanas quanto a sua historicidade “[...] não importando se é constituída de imaginário ou de elementos reais”, segundo Bruner (1991, p.47),

[...] a sequência das suas sentenças, e não a verdade ou falsidade de quaisquer dessas sentenças, é o que determina sua configuração geral ou enredo. É essa sequencialidade singular que é indispensável para a significância de uma história e para o modo de organização mental em cujos termos ela será captada.

Alerta-nos também esse autor que “contar uma história e compreendê-la como uma história dependem da capacidade humana para processar conhecimento dessa maneira interpretativa”. Dessa forma, podemos entender que inúmeras compreensões e interpretações podem decorrer de uma mesma narrativa, isso se deve segundo Bruner (1991, p. 9),

principalmente pela sedução narrativa ou pela banalização narrativa que podem produzir uma atividade interpretativa restrita ou rotineira. Essas infinidades de interpretações decorrem de uma longa história na exegese bíblica e na jurisprudência, a qual é salpicada com problemas que têm a ver mais com o contexto do que com o texto, mais com as condições do contar do que com o que é contado.

Esses problemas são classificados por Bruner (1991, p. 10) como dificuldade de intenção e de conhecimento partilhado. De intenção porque - a história é contada, como e quando é contada, e interpretada como tal por interlocutores associados a posições intencionais diferentes. Esse autor relata, ainda, que - um segundo aspecto referente ao contexto é a questão do conhecimento partilhado - tanto do contador de histórias quanto do ouvinte e como cada um interpreta o conhecimento partilhado do outro. Os dois problemas contextuais são bases importantes para - negociar como uma história será tomada ou também como deve ser contada. (BRUNER 1991, p. 10).

No caso da nossa pesquisa, não trabalhamos com narrativas da mesma forma que Bruner apresenta em seus estudos. Não utilizamos, assim, a técnica de, por meio de uma pergunta ou sentença disparadora, fazer os nossos interlocutores

falarem livremente. O que fizemos, por sua vez, foi utilizar entrevistas semiestruturadas.

2.2 TERRITORIALIDADE, CULTURA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

Compreendemos que para dialogar com os objetivos da nossa dissertação, não podemos deixar de trazer abordagens relevantes sobre questões de territorialidade, cultura, pertencimento e identidade. Muitas são as dinâmicas e inúmeros são os tratamentos teóricos sobre essas temáticas, o que nos possibilita margens amplas sobre essas paragens dos estudos culturais. Pretendemos aqui não alcançar todas essas dimensões, mas nortear o leitor com informações da investigação do nosso trabalho. Por essa razão, optamos por trabalhar os temas separadamente, através de subseções, que elencamos a partir desse instante.

2.2.1 TERRITORIALIDADE

Ao pensarmos em territorialidade, estamos relacionando-a com a noção de território, especialmente em geografia. Diversas outras áreas do conhecimento também se apropriam dessa noção, como por exemplo,

na Ciência Política o território é entendido a partir das relações de poder, relacionadas ao Estado. Na Economia, como uma fonte de recursos. Na Antropologia, destaca-se sua dimensão simbólica, no estudo, sobretudo, das sociedades tradicionais. Na Sociologia, o seu papel de interventor nas relações sociais. E, na Psicologia o seu caráter subjetivo e pessoal, em uma escala individual, refletindo a identidade do sujeito. (HAESBAERT, 2004).

Todas essas noções expostas por Haesbaert (2004) são importantes para nosso olhar investigativo por compreendermos que os haitianos reterritorializados em outro território participa das ações políticas, econômicas e sociais do Haiti.

As contribuições de Souza (2013) asseveram para esse ponto – que a dimensão territorial compreende aspectos políticos, culturais, econômicos – para esse autor o que “define” o território é, em primeiríssimo lugar, o poder. Em outras palavras, o que determina o “perfil” do conceito é a dimensão política das relações sociais. (SOUZA, 2013, p.88). Ainda trazendo suas contribuições,

Isso não quer dizer, que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades ou a economia (o trabalho, os processos de produção e circulação de bens) não sejam relevantes ou não estejam contemplados [...]. (SOUZA, 2013, p.88).

Para Raffestin (1993) “todo território implica em uma delimitação material ou imaterial”. Além disso, conforme Raffestin (1993), “as relações estabelecidas no território não se esgotam em seus limites físicos”. É o que nosso estudo vislumbra apontar, ao mensurar que a saída do território haitiano não permite um esgotamento do contato com suas matizes territoriais originárias. Raffestin (1993) afirma também que,

os atores ao se apropriarem dos espaços acabam por “territorializar” os mesmos, sustentados por um conjunto de ações, posturas, práticas, comportamentos, enfim códigos que revelam relações de poder, fundamentais para esse processo de empoderamento e manutenção do território.

Finalizamos, então, as abordagens territoriais como o sentimento de que “o espaço e o território, como sabemos, mais do que referentes mentais para nossa localização no mundo ou do que simples objetos materiais em relação no nosso entorno, são constitutivos de nossa própria existência” (HAESBAERT, 2012, p.34). As contribuições do autor são essenciais para compreender que isso ocorre na dimensão simbólico-social em que o homem está “experienciando diversos territórios ao mesmo tempo, isto significa que esta dimensão espacial não é mero palco ou apêndice da condição humana, mas uma de suas dimensões constituintes fundamentais” (HAESBAERT, 2012, p.34).

Ao finalizarmos essas questões sobre territorialidades, é importante compreender que os haitianos fora do território não deixam de atuar nas decisões importantes do Haiti. Eles participam, por exemplo, do plano econômico do país, encaminhando remessas de dinheiro aos familiares residentes no Haiti, isso quer dizer que o território não é apenas geográfico, ele não é rígido com as identidades de quem reterritorializou.

2.2.2 CULTURA

Há uma concepção universal sobre cultura muito bem aceita entre os estudiosos, trata-se da síntese elaborada por Edward Burnett Tylor, escrita em 1871, em que a Cultura é mensurada como “um complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

De acordo com Eagleton (2011, p. 9) a — cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua [...]. Mais complexa do que o termo cultura, para o autor, somente o termo — natureza, que é o seu oposto. Cultura é uma palavra latina, vem do verbo colere, que significa cultivar, nesse contexto, cultura é então uma forma ou maneira de um grupo humano viver a vida diariamente, incluindo-se, por essa definição, seus comportamentos, seus conhecimentos, suas crenças, suas artes, suas leis, seus costumes, entre outros, tanto adquiridos quanto herdados. (LARAIA, 2006, p. 25).

Uma importante contribuição, a de Geertz (1978, p. 15), posiciona a cultura como sendo algo complexo de signos e significados criados pelo homem, tornando-o

essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Não podemos deixar de mencionar que há uma vertente errada difundida sobre cultura. Ao mensurarmos que tal pessoa ou determinada classe “não tem cultura”, estamos entrando na esfera do preconceito e da dicotomia entre o erudito e o popular. Essa esfera dicotômica deve ser estudada como diversidade cultural, termo denominado por Canclini (2013, p. 343) como culturas híbridas. Segundo o autor, isso é um resultado de “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2013, p. 343).

Detectamos que as culturas são múltiplas, essa consideração foi possível após as aulas de mestrado no curso da professora da Dra. Nair Amaral. Os Haitianos ao chegarem em Porto Velho entram com seus costumes culturais e mantem contato com a cultura do lugar, abrigando, dessa forma uma noção de hibridismo cultural. Não podemos fazer uma classificação entre “bom” ou “ruim”,

“certo” ou “errado”, devemos compreender as características de cada cultura e aceita-las como um fenômeno de uma identidade.

2.2.3 PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

O ato de pertencer à determinada região, cidade, estado, país, enfim, no sentido geográfico é também uma característica identitária. O pertencer também se relaciona aos grupos sociais e de convívio como, por exemplo: a religião, o time de futebol, a uma entidade, etc.



Imagem -Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB.

Fonte: arquivo da orientadora.

Esse ato de pertencer, é trabalhado por Sá (2005) como uma “[...] capacidade do ser humano de se sentir pertencente ao meio, enraizado”. Lestingue (2004, p.40) apresenta-nos uma concreta definição sobre pertencimento:

A priori esse conceito – pertencimento –pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva.

Essa definição acomoda muito bem os sentimentos de pertença da comunidade haitiana residente em Porto Velho em relação ao país de origem, uma vez que os imigrantes desse país, reterritorializados na capital de Rondônia, ainda participam de forma integrada das realidades políticas, sociais e econômicas do Haiti. Deixaremos o aprofundamento sobre essa questão, para os debates da seção de análise da nossa dissertação.

Lestingue (2004) afirma que “[...] o pertencimento e a identidade levam ao enraizamento e após a um desenraizar, como um movimento, a práxis da identidade”. As relações de identidade e pertencimento ao lugar são desenvolvidas no processo de apropriação e territorialização do espaço. Isto se dá quando os sujeitos ultrapassam a necessidade da apropriação de um locus, ou seja, quando se desenvolvem, neste local, valores ligados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, reformulando o espaço onde vive, ao qual se identificam e se sentem pertencer (Raffestin, 1993).

Jacques (2006) mensura que um indivíduo, “mesmo sofrendo transformações, sempre se estabelece a mesma Identidade”. Castells (2008, p.22) assegura que a identidade é um:

processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas.

Um ato identitário é relacionado a um processo individual ou coletivo de determinados sujeitos, como no caso dos haitianos residentes em Porto Velho, que mantém em suas ações mecanismos e estratégias que remetem à memória vida da pátria. Esses sujeitos da mobilidade praticam gestos pertencentes ao país origem porque:

Hoje, as identidades que se declaram móveis e múltiplas, podem ser indicação, não de desapropriação e fluidez social, mas antes de uma nova estabilidade, segurança de si e quietismo. A fixidez da identidade só é buscada em momentos de instabilidade e ruptura, de conflito e mudança. [...] a heterogeneidade, o intercâmbio cultural e a diversidade se tornaram agora a identidade autoconsciente da sociedade moderna (YOUNG, 2005[1995], p. 5).

Esse processo de identidade realizada no campo individual e coletivo, faz alusão ao fato de “que o indivíduo vai se desenvolvendo como um ser único, com suas especificidades, ao longo de sua trajetória de vida particular” (ANDRÉ, 2008). Esse autor menciona que esse sujeito “como ser social que transita por diferentes contextos e grupos, possibilita a troca de experiências com esses grupos” e, a partir delas se “identificam ou não com os mesmos e, desenvolvendo, quando há esta identificação, o sentimento de pertencimento” (ANDRÉ, 2008).

Concluimos essa seção fazendo um agrupamento que não poderá se separar durante nosso percurso de análises: memória e narrativa estão ligadas ao território que significa por meio da cultura e opera em atos identitários e no fato de pertencer à República do Haiti.

A identidade é muito relacionada à coletividade dos costumes de um lugar, ou seja, é um ou mãos costumes/práticas que geram uma identificação e noção de pertença a um lugar.

A partir do próximo item, convidamos o leitor a participar das discussões sobre a análise de discurso de linha francesa. A análise de discurso é a teoria que concede suporte para nosso método de análise, é através dela que extrairemos as ideologias presentes nos discursos dos nossos sujeitos pesquisados: os haitianos.

2.3ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

Inúmeras vertentes da AD são trabalhadas em outras correntes que não seja a francesa, como por exemplo, a de linha germânica, americana, inglesa e italiana. Nosso trabalho filia-se a linha francesa da análise de discurso – AD, principalmente aos estudos de Michel Foucault e Michel Pêcheux. Gregolin (1995, p.13), informa que:

ao tratarmos de "Análise do Discurso" é prudente, de início, nos colocarmos a questão: o que entendemos por análise do discurso? Esta pergunta é pertinente porque vários são os conceitos de "análise do discurso", um campo de estudos em formação, cujas fronteiras não estão ainda claramente delimitadas. Se tomarmos um ponto de vista histórico,

perceberemos que o que hoje chamamos de "análise do discurso" tem uma história que chega a dois mil anos, desde os estudos da Retórica grega, e se estende a um presente com ares de science fiction na tentativa da linha francesa de empreender uma "análise automática do discurso" por meio da informática.

A análise de discurso trabalha com “[...] um objeto integralmente histórico e integralmente linguístico” (ORLANDI, 2006, p. 15). A noção de discurso resulta de uma reorganização do trabalho intelectual sob o impacto da constituição da: a) linguística, b) do marxismo e c) da psicanálise. Nessa relação, Orlandi, 2006, p. 15, estabelece que:

com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente. Ela tem sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ele não lhe é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo. São, pois, essas diferentes formas de materialidade – de não transparência – que vão constituir o cerne do conhecimento de cada um desses campos de saber.

Essas três formas - a) linguística, b) do marxismo e c) a psicanálise – estabelecem uma constituição teórica da AD. É por essa razão que “[...] a análise de discurso é uma disciplina de entremeio”. (ORLANDI, 2006, p. 16).

No método da análise de discurso, essa disciplina pretende questionar o a própria linguística estrutural uma vez que ela é uma “[...] região teórica uma região teórica em que o sócio-histórico e linguístico se relacionam de maneira constitutiva e não periférica. O que liga o dizer a sua exterioridade é constitutivo do dizer”. (ORLANDI, 2006, p. 16).

Fazendo a crítica ao esquema elementar da comunicação, Michel Pêcheux (1969) vai afirmar que o discurso mais do que transmissão de informação (mensagem) é efeito de sentidos entre locutores. Sobre isso, Orlandi (2006) assevera que:

dizer que o discurso é efeito de sentidos entre locutores significa deslocar a análise de discurso do terreno da linguagem como instrumento de comunicação. Além disso significa, em termos do esquema elementar da comunicação, sair do comportamentalismo que preside a relação entre locutores como relação de estímulo e resposta em que alguém toma a palavra e transmite uma mensagem a propósito de um referente e baseando-se em um código que seria a língua, o outro responde e teríamos aí o circuito da comunicação. Não há essa relação linear entre enunciador e destinatário. Ambos estão sempre já tocados pelo simbólico. Tampouco a língua é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria assim transmitida de um a outro. Não há, além disso, esta transmissão: há efeitos de sentidos entre locutores. Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias

dadas. Os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas.

Dessa forma, para compreender a AD, é preciso um deslocar das análises linguísticas formais, uma vez que a análise de discurso tem como unidade o texto, na AD trabalha-se “[...] o texto não visto como na análise de conteúdo, em que se o atravessa para encontrar atrás dele um sentido, mas discursivamente, enquanto o texto constitui discurso, sua materialidade”. (ORLANDI, 2006, p. 17).

A AD trabalha a discursividade como o funcionamento do texto produz sentido. Para se entender isso,

é compreender como o texto se constitui em discurso e como este pode se compreendido em função das formações discursivas que se constituem em função da formação ideológica que as determina. Pensar o texto em seu funcionamento é pensa-lo em relação às suas condições de produção, é ligá-lo a sua exterioridade. Esta ligação é um monumento que a própria textualidade traz nela mesma sua historicidade, isto é, o modo como os sentidos se constituem, considerando a exterioridade inscrita nela e não fora dela. (ORLANDI, 2006, p. 19).

Se o discurso é pensado na sua forma de funcionamento através do texto, é possível detectar que os discursos produzidos estão relacionados aos aspectos ideológicos de quem o produziu. Ideologia é um dos mecanismos ou dispositivos de análise da AD e é nesse aparato que trabalharemos a partir de agora. Pêcheux (1990), mensura que “uma sociedade possui várias formações ideológicas” e a cada uma delas corresponde uma “formação discursiva”. Sobre este aspecto, Gregolin (1995) aponta que :

A "ideologia" é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.

Eni Orlandi (2006) menciona Althusser para dizer que a ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade, mas que cria a "ilusão" de liberdade do sujeito. A reprodução da ideologia é assegurada por "aparelhos ideológicos" (religioso, político, escolar etc.) em cujo interior as classes sociais se organizam em formações ideológicas ("conjunto complexo de atitudes e representações"). O discurso é um dos aspectos

da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente à determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, “que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente” (Pêcheux, 1990, p.18). A partir da próxima subseção, apresentamos questões de regularidade e dispersão, que abarcam os estudos de Michel Foucault sobre formações discursivas, aparatos essenciais para nosso trabalho.

2.3.1 FORMAÇÕES DISCURSIVAS: REGULARIDADE E DISPERSÃO

A noção de Discurso para Foucault (2009, p.43) é idealizada como um “[...] conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística” considerando “as condições de exercício da função enunciativa”. (FOUCAULT, 2009, p. 43). Para esse autor, “[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala”. Ainda com suas palavras, “é esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. (FOUCAULT, 1997, p. 56).

Foucault (2009, p.43) demonstra que todo discurso é constituído de base de formações. Para isso, ele nos apresenta o conceito de formação discursiva,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...).

É possível compreender que o autor mensura um funcionamento por posições de repetições de enunciados em uma determinada formação de discursos, a essa fator, é designado regularidade. Existem também nessa menção de regular os atos dispersos, que não aparecem com frequência no discurso e, a essa ação, o autor designa de dispersão. Nesse limiar interpretativo, as regularidades e as dispersões em um dado discurso contemplam o termo formação discursiva.

Muito nos interessa esse conceito de repetição ou de “falhas” que se enunciam no discurso. Foucault, (2009, p. 76) menciona que “uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam”. Em outras palavras o autor assevera que “[...] se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações” (FOUCAULT, 2009, p. 76).

O conceito de formação discursiva é advindo de uma:

Arqueologia que busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (FOUCAULT, 1969, p. 159)

Essa proposta visa investigar os enunciados e como se descreveram os fatos que se estabelecem em seus arquivos. O autor está preocupado em exarar as formações discursivas que revelam os discursos por meio das configurações históricas que são expostas. Isso se revela uma ruptura como o pensar estruturalista, porque:

[...] pode-se considerar o estruturalismo como uma das principais correntes do pensamento, sobretudo nas ciências humanas, no século XX. O método estruturalista de investigação científica foi estabelecido pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857–1913), que afirma ver na linguagem “a predominância do sistema sobre os elementos, visando extrair a estrutura do sistema através da análise das relações entre os elementos” (JAPIASSÚ, 1934, p. 96).

A análise de discurso, ao romper essa noção estruturalista leva a linguística para o discurso aplicado à historização em que

a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos

caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 1969, p. 135).

Foucault atesta que essa relação de enunciados pressupõe a dialética entre singularidade e repetição. No entendimento de Gregolin (2006, p.88) “[...] de um lado, ele é um gesto; de outro, liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é único, mas está aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro”. Essas relações possibilitam novos cenários organizados ou em organização, tendo como característica a transitoriedade do ser humano e da história, memória e repetição em seus enunciados.

Aqui se faz necessário conceituar o enunciado, entendido como unidade essencial do discurso para Foucault (2008, p. 98):

[...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

Foucault (2008, p.85) confirma esse pensamento ao assegurar que “não procuramos, pois, passar do texto ao pensamento, da conversa ao silêncio, do exterior ao interior, da dispersão espacial ao puro recolhimento do instante” e também “da multiplicidade superficial à unidade profunda. Permanecemos na dimensão do discurso” (FOUCAULT 2008, p. 85). Com isso, Foucault “apresenta um procedimento metodológico que surge como uma alternativa para aqueles que se ocupam com análise do discurso que emerge de documentações da Antiguidade” (LIMA, 2009, p. 95).

Finalmente, em seu método, o autor trabalha em mecanismos que pensam o discurso pelo desejo de poder que permeiam os estados do indivíduo. Foucault considera também que é preciso organizar arqueologicamente uma descrição de campos e enunciados que aparecem e circulam através de conceitos, sucessões, configurações e seqüências de enunciados que validam ou dispersam um discurso.

30 HAITI

Nesta seção, optamos por trazer abordagens sobre o Haiti, através de breves dados históricos do país, do hino nacional nas duas versões: em crioulo e em francês, apontamentos sobre a diáspora e finalmente sobre o processo de migração para Porto Velho, capital de Rondônia. Consideramos que essas subseções são norteadoras para a compreensão da nossa pesquisa.

3.1 BREVES RELATOS HISTÓRICOS DO HAITI

“Eu quero que a Liberdade e a Igualdade reinem em Saint Domingue. Trabalho para que elas passem a existir. Uni-vos a nós, irmãos companheiros insurgentes, e lutai conosco pela mesma causa.”
Toussaint-Louverture

Primeiramente, devemos apontar que “[...] falar dos haitianos é uma tarefa difícil, pois estamos falando de um povo que se formou a partir de múltiplas origens étnicas originárias do continente africano” (COTINGUIBA, 2014, p. 30). As próprias palavras de um dos líderes revolucionários, Toussaint-Louverture, na epígrafe desta seção, trazem a intensidade da união e da luta.

A república do Haiti é um país do Caribe. Com sua posição geográfica no arquipélago das grandes Antilhas é considerado um paraíso por conta da sua beleza natural. A capital é Porto Príncipe e no país vivem cerca de 10,4 milhões de habitantes.

Que a história do Haiti é única, isso já é sabido e difundido em diversos estudos acadêmicos. Para a compreensão dos dispositivos de memória e identidade de elementos exarados por patriotas haitianos residentes em Porto Velho/RO, precisamos nos deslocar, nessa subseção, para um aprofundar sobre a revolução Haitiana. Em 1804, por conta dessa revolta de escravos, o Haiti tornou-se a primeira nação independente da América Latina e do Caribe. Contribuem com essa afirmação, Pizzolotto, Rimes e Silva (2016, p. 2) ao analisam que

a revolução em Saint-Domingue, atual Haiti, em 1791-1804 constituiu a primeira revolução de escravos bem-sucedida da História. A antiga colônia francesa de Saint-Domingue tornou-se a primeira nação negra independente na longa história das lutas nativas contra o imperialismo colonial. O fim da escravidão na joia das Antilhas resultou de uma revolução negra na qual a maioria da população branca foi massacrada ou levada ao

exílio. A luta dos escravos foi dupla. Conquanto obtivessem a abolição total da escravatura em 1793, só conseguiram garantia permanente dessa liberdade quando derrotaram e expulsaram as potências colonialistas: a Espanha, a Grã-Bretanha e, finalmente, a própria França.

Esses autores mencionam que “[...] a revolta dos escravos, que começou em meados de agosto de 1791, havia atraído até 10 mil insurgentes já no final do mês, um número que continuava a crescer rapidamente”. Pizzolotto, Rimes e Silva (2016, p. 3) informam que

O ex-escravo Toussaint-Louverture, que se tornaria em breve o líder da revolta, proclamou em agosto de 1793 que “Eu quero que a Liberdade e a Igualdade reinem em Saint Domingue. Trabalho para que elas passem a existir. Uni-vos a nós, irmãos [companheiros insurgentes], e lutai conosco pela mesma causa.” Sem a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a abolição da escravatura em 1794 teria permanecido inconcebível.

As investidas lideradas na então colônia da França, por Toussaint-Louverture, fizeram com que Napoleão Bonaparte, em ato de retaliação enviasse em 1802 “[...] uma imensa força expedicionária da França para capturar Toussaint e restabelecer a escravidão nas colônias francesas. Transportado para a França, Toussaint morreu numa prisão fria” (PIZZOLOTTO, RIMES E SILVA 2016, p. 4).



Figura 1 - Toussaint, líder da revolta haitiana, libertador do Haiti

Fonte: <https://www.rt.com/op-ed/338798-haiti-slavery-toussaint-louverture/>

Com a morte de Toussaint (figura 1), a tarefa de comandar a guerra pela independência coube a Dessalines, o general mais forte das tropas de Toussaint. “Depois de dois anos de guerra totalmente devastadora, os negros derrotaram o exército napoleônico e chegaram ao estágio final da revolução, proclamando a independência no dia 1º de Janeiro de 1804”. (PIZZOLOTTO, RIMES E SILVA 2016, P. 4).

No quadro a seguir, apresentamos o ato de Independência do Haiti:

Quadro 2 - Ato de independência do Haiti

LIBERDADE OU MORTE
<p>“Gonaïves, 01 de janeiro de 1804. Ano I da Independência Hoje, 01 de janeiro de 1804, o General Chefe, é acompanhado por generais e chefes militares convocados a fim de tomar medidas tendentes à felicidade do país: Depois de ter dado a conhecer aos generais reunidos sua verdadeira intenção de sempre garantir aos nativos do Haiti um governo estável - o objeto de sua maior solicitude, o que fez em um discurso conhecido por potências estrangeiras a resolução para tornar o país independente, e de gozar da liberdade consagrada pelo sangue do povo desta ilha, e, depois de ter reunido as suas opiniões, pediu a cada um dos generais reunidos o pronunciamento de um voto para renunciar para sempre à França, para morrer ao invés de viver sob sua dominação, e para lutar pela independência com seu último suspiro. Os generais, imbuídos desses princípios sagrados, depois de terem dado a uma só voz a adesão ao projeto manifesto da independência, juram ante a eternidade e ante todo o universo para sempre renunciar à França e morrer ao invés de viver sob a sua dominação”.</p>

Fonte: PIZZOLOTTO,RIMES E SILVA, 2016

O “morrer”, como vimos, é a fuga haitiana para a libertação da dominação francesa. Esse ato de “morrer” é extremamente recorrente no hino nacional haitiano, que trabalharemos adiante. E morreram pelo país, iniciando um legado de luta.

Hoje, no Haiti, se fala o francês e o crioulo haitiano. Rodrigues (2008) aponta que “[...] a constituição tornou o francês e o crioulo as línguas oficiais do Haiti, obrigando o Estado haitiano a publicar documentos oficiais nessas duas línguas”, tornando, assim, o Haití em “um país diglössico” (SAMORA, 2015, p. 16). Diglössico, segundo essa autora,

É a presença de duas línguas diferentes numa mesma comunidade de falantes, sendo que o uso de uma ou de outra depende da situação comunicativa. No caso do Haiti, ocorre o Francês - língua oficial, escolhida pelo Estado e a elite local – e o Crioulo – língua oficial, usada pelos mais pobres e desprestigiada (SAMORA, 2015, p.16).

Essa pluralidade etnolinguística e diversidade cultural proporciona uma vasta área de investigações sobre o país que vai além da tragédia de 2010, quando um abalo sísmico atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe, devastando o país. Cerca de 230 mil pessoas morreram e mais de um milhão ficaram desabrigadas. Por toda riqueza do país e não pelo processo de empobrecimento e catástrofes naturais, optamos pelo silenciamento desse episódio do Haiti em nossa dissertação.

A partir da próxima subseção, trataremos abordagens sobre o Hino Nacional Haitiano.

3.2 O HINO NACIONAL DO HAITI

Em 1904, a obra *La Desalinyèn* – a canção de Dessalines – é adotada como hino oficial do Haiti. O nome do hino é uma homenagem ao Jean-Jacques Dessalines, líder da revolução haitiana que proclamou a independência do país. A homenagem ao imperador retrata uma série de sentimentos históricos e relata as batalhas, as marchas, a união, o amor à pátria e uma traição, isso porque em 1806, Dessalines foi assassinado por seus colaboradores.

A letra do hino apresenta duas versões, uma em língua francesa e outra em crioulo haitiano, conforme apresentamos a seguir:

Quadro 3 - Versões do Hino Haitiano

Versão em crioulo Haitiano	Versão em Francês
Pou Ayiti peyi Zansèt yo Se pou-n mache men nan lamen Nan mitan-n pa fèt pou gen trèt Nou fèt pou-n sèl mèt tèt nou Annou mache men nan lamen Pou Ayiti ka vin pi bèl Annou, annou, met tèt ansanm Pou Ayiti onon tout Zansèt yo. Pou Ayiti onon Zansèt yo Se pou-n sekle se pou-n plante Se nan tè tout fòs nou chita Se li-k ba nou manje Ann bite tè, ann voye wou Ak kè kontan, fòk tè a bay. Sekle,wouze, fanm kou gason Pou-n rive viv ak sèl fòs ponyèt nou. Pou Ayiti ak pou Zansèt yo Fo nou kapab vanyan gason Moun pa fèt pou ret avèk moun Se sa-k fè tout Manman ak tout Papa Dwe pou voye Timoun lekòl Pou yo aprann, pou yo konnen Sa Touden, Desalin, Kristòf, Petyon Te fè	Pour le Pays, Pour les ancêtres, Marchons unis, Marchons unis. Dans nos rangs point de traîtres! Du sol soyons seuls maîtres. Marchons unis, Marchons unis Pour le Pays, Pour les ancêtres, Marchons, marchons, marchons unis, Pour le Pays, Pour les ancêtres. Pour les Aïeux, pour la Patrie Bêchons joyeux, bêchons joyeux Quand le champ fructifie L'âme se fortifie Bêchons joyeux, bêchons joyeux Pour les Aïeux, pour la Patrie Bêchons, bêchons, bêchons joyeux Pour les Aïeux, pour la Patrie. Pour le Pays et pour nos Pères Formons des Fils, formons des Fils Libres, forts et prospères Toujours nous serons frères Formons des Fils, formons des Fils Pour le Pays

<p>pou wet Ayisyen anba bòt blan. Pou Ayiti onon Zansèt yo Ann leve tèt nou gad anlè Pou tout moun, mande Granmèt la Pou-l ba nou pwoteksyon Pou move zanj pa detounen-n Pou-n ka mache nan bon chimen Pou libète ka libète Fòk lajistis blayi sou peyi a. Nou gon drapo tankou tout Pèp. Se pou-n renmen-l, mouri pou li. Se pa kado, blan te fè nou Se san Zansèt nou yo ki te koule Pou nou kenbe drapo nou wo Se pou-n travay met tèt ansanm. Pou lòt, peyi, ka respekte-l Drapo sila a se nanm tout Ayisyen.</p>	<p>et pour nos Pères Formons, formons, formons des Fils Pour le Pays et pour nos Pères. Pour les Aïeux, pour la Patrie O Dieu des Preux, O Dieu des Preux! Sous ta garde infinie Prends nos droits, notre vie O Dieu des Preux, O Dieu des Preux! Pour les Aïeux, pour la Patrie O Dieu, O Dieu, O Dieu des Preux Pour les Aïeux, pour la Patrie. Pour le Drapeau, pour la Patrie Mourir est beau, mourir est beau! Notre passé nous crie: Ayez l'âme aguerrie! Mourir est beau, mourir est beau Pour le Drapeau, pour la Patrie Mourir, mourir, mourir est beau Pour le Drapeau, pour la Patrie.</p>
---	---

Fonte: organizado pela autora

A seguir, apresentamos uma tradução do hino nacional Haitiano:

Para o país, para os antepassados,
Vamos andar juntos Vamos caminhar juntos
Em nossas fileiras não há traidores!
Do chão, vamos ser os únicos.
Caminhada Unida, Caminhada Unida
Para o país, para os antepassados,
Vamos andar, caminhar, andar juntos
Para o país, para os antepassados.
Para os antepassados, para a pátria
Morrer é belo, a morte é bela
Quando o campo frutifica
A alma se torna mais forte
Copos felizes, copos felizes
Para os antepassados, para a pátria
Marcha, marcha, marcha em conjunto
Para os antepassados, para a pátria.
Para o país e para nossos pais
Vamos formar filhos, formar filhos
Livre, forte e próspero

Nós sempre seremos irmãos
Vamos formar filhos, formar filhos
Para o país e para nossos pais
Vamos formar, treinar, formar Filhos
Para o país e para nossos pais.
Para os antepassados, para a pátria
Ó Deus dos Defensores, ó Deus dos Defensores!
Sob sua guarda infinita
Tome nossos direitos, nossa vida
Ó Deus dos Defensores, ó Deus dos Defensores!
Para os antepassados, para a pátria
Ó Deus, ó Deus, ó Deus da proeza
Para os antepassados, para a pátria.
Para a bandeira, para a pátria
Morrer é lindo, morrer é lindo!
Nosso passado grita para nós:
Tenha uma alma experiente!
Morrer é lindo, morrer é lindo
Para a bandeira, para a pátria
Morrer, morrer, morrer é lindo
Para a bandeira, para a pátria

Como percebemos, há uma intensa declaração de amor à bandeira haitiana no hino daquele país. Dessa forma, não podemos deixar de fazer abordagens sobre esse importante elemento patriota do Haiti.



Imagem 9 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB

Fonte:Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB..

3.3 A BANDEIRA HAITIANA

***“Morrer, morrer, morrer é lindo
Para a bandeira, para a pátria”
(Hino Nacional Haitiano).***



Imagem 10 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB

Fonte:Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.

A bandeira haitiana é considerada uma dos maiores símbolos identitários do país. Ligia, em um artigo publicado no portal estudo prático, classifica que a bandeira para os haitianos “é o verdadeiro e maior símbolo da vitória na independência do país”. Para essa autora,

a grande inspiração para a bandeira do Haiti foi a francesa. Eles retiraram a faixa branca que existe na bandeira da França, deixando apenas a azul e vermelha. Com a retirada da faixa branca, as cores azuis e vermelhas passaram a ficar juntas. Isso remeteu à união dos povos negros e mulatos, os primeiros sendo representados pela coloração azulada e os segundos pelo avermelhado. (Portal estudo prático)

Essa dinamização de união dos povos negros e mulatos, pode ser melhor visualizada na imagem a seguir:



Figura 2 - A bandeira da república do Haiti

Fonte: <http://haiti3c.blogspot.com.br/2011/05/bandeira-do-haiti.html>

De acordo com o jornal gazeta do povo, em material divulgado em 2014 a “bandeira haitiana foi criada no dia 18 de maio de 1803, com as cores azul e vermelho. No centro há um painel branco com o brasão de armas do país”. Ainda de acordo com a reportagem, a bandeira

é composta por um troféu de armas, representando o desejo dos compatriotas em defender a liberdade do Haiti, e uma palmeira real, que simboliza a independência. A palma é coberta pela Capa da Liberdade. O lema da nação, retratado em um pergaminho branco, significa a união faz a força (Jornal Gazeta do Povo, 2014).

No país, se comemora o dia dessa criação da bandeira, é uma parada nacional, com vigor patriota, muito semelhante ao dia 07 de setembro no Brasil. Os haitianos consideram essa festa como o maior símbolo de amor à pátria.



Imagem 11 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB

Fonte:Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.

A partir da próxima subseção, apresentaremos elementos teóricos sobre a diáspora.

3.4 A DIÁSPORA

Optamos pelas abordagens de Handerson (2015) para explicar o termo diáspora em nossa pesquisa de mestrado. Suas abordagens são essenciais, norteadores e se demonstram sensíveis quanto ao mérito.

De acordo com Handerson (2015), “[...] desde a década de 1990, a diáspora haitiana é objeto de inúmeras pesquisas. Sobre isso, o Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior estima que há cerca de 4 a 5 milhões de haitianos em mobilidade, em termos globais, o que representa a metade da população haitiana, estimada em 10.413.211, em 2013, de acordo com dados do Institut Haitien Statistique et d’Informatique (HANDERSON, 2015).

Para esse autor, o termo diáspora tanto fora como dentro do Haiti,

é uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações. O termo diáspora é utilizado para designar os compatriotas residentes no exterior, mas que voltam temporariamente ao Haiti e logo retornam para o exterior: diáspora ki jan ou ye? (diáspora, como você vai?). O campo semântico e polissêmico do termo está articulado por três verbos associados a diáspora: residir no exterior, voltar ao Haiti e retornar ao exterior. As músicas haitianas produzidas no exterior são chamadas músicas de diáspora. As roupas enviadas são denominadas rad diaspora (roupa diáspora); o dólar americano e o euro, lajan diaspora (moedas diáspora); as casas construídas no Haiti por compatriotas residentes no exterior, combinando objetos (eletrônicos e eletrodomésticos, etc.), materiais de construção (cerâmicas, portas, janelas, luzes, etc.) do exterior com os do país, são denominadas kay diaspora (casas diáspora). A categoria diáspora também serve para qualificar ações, como nas expressões: w'ap fè bagay diaspora (está fazendo coisa de diáspora), ou aji tankou diaspora (você age como diaspora). (HANDERSON. 2015).

Para Handerson (2015 p. 59) no Brasil, no Suriname, na Guiana Francesa e no Haiti de modo particular (também nos Estados Unidos, França, Canadá e em outros países do Caribe), o termo é utilizado para designar os compatriotas que residem no exterior, mas voltam temporariamente ao Haiti e logo retornam para o exterior, novamente. Ainda nas contribuições do pesquisador, “[...] as dimensões de tempo e espaço são cruciais para a compreensão dos sentidos sociais do termo diaspora”. Dessa forma, é necessário que “além de a pessoa residir num espaço internacional para ser considerado diaspora, também deve permanecer por um longo período de tempo ali antes de voltar ao Haiti” (HANDERSON, p. 60, 2015).

Esse processo de volta deve demonstrar um êxito pessoal e coletivo da diáspora. Nas palavras de Handerson (2015, p. 60)

não há diáspora sem a volta temporária. Do ponto de vista etnográfico, não é um retorno, é uma nova chegada. Essa última ideia deve ser explicada nas próprias categorias e expressões nativas. Os haitianos não usam a palavra créole tounen, significando retorno, para descrever a experiência da nova chegada da pessoa diaspora, mas sim a expressão diaspora rive: diáspora chegou ou diaspora vini: diáspora veio, do ponto de vista dos que ficaram. Os viajantes utilizam a expressão diaspora pral vizite Ayiti (diáspora vai visitar o Haiti) ou diaspora ap desann Ayiti (literalmente: diáspora vai descer para o Haiti).

Essa chegada, segundo o autor, é viabilizada por “meio de laços afetivos familiares, de amizade ou laços com as casas construídas no Haiti”. Dessa forma, “do ponto de vista dos que ficam, a volta da pessoa diaspora constitui um ato e uma demonstração de fidelidade ao Haiti e aos familiares”. (HANDERSON, p. 60, 2015).

Consideramos essa volta, ou esse retorno, um ato intenso de amor à pátria, um elo identitário preservado pela memória do compromisso de chegar, novamente.

Além disso, migrar é um verbo que está na própria visão de mundo e nas práticas sociais do povo haitiano, como o trabalho de Handerson e de outros pesquisadores já aprontaram. Esse fenômeno – diáspora - também estará presente em nossas análises a partir da seção 4.

3.5 O PROCESSO DE MIGRAÇÃO PARA PORTO VELHO/RO

Em 2010, o Haiti, passado por um processo de empobrecimento, apresentou “[...] um dos índices desenvolvimento humano mais baixos do mundo” (COTINGUIBA, 2014). Neste mesmo ano, como já é sabido, um abalo císmico deixou a capital, Porto Príncipe, devastada, vitimando mortos, feridos e desabrigados pelas ruas.

Samora apud Cotinguiba (2014) aponta alguns dos fatores que motivaram a migração haitiana para o Brasil, além de outros, a instabilidade política do país, a economia pouco desenvolvida, as catástrofes naturais, a visibilidade brasileira no exterior devido ao discurso do crescimento econômico do Brasil, a relativa facilidade de entrar no país pelas fronteiras da região norte, a possibilidade de conseguir visto de permanência e a possível oferta de trabalho.

No início de 2011, no auge da construção das duas hidrelétricas, no rio Madeira, chegaram os primeiros imigrantes em Porto Velho, atraídos, inicialmente, por uma promessa de trabalho de uma suposta empresa que estaria instalada no distrito de Nova Mutum, a 110 km de Porto Velho (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2015b). De acordo com os pesquisadores:

Esse grupo de um pouco mais de 50 haitianos se disse “enganado” por um funcionário do governo do Acre na cidade de Brasileia, fronteira do Brasil com a Bolívia, que fornecera um número de telefone aos imigrantes de uma empresa que não existia. Enquanto os haitianos tentavam encontrar uma solução para o impasse, as autoridades governamentais já haviam sido acionadas e, em ônibus, levou-os para a cidade de Porto Velho e os alojou no Ginásio de Esportes Cláudio Coutinho, na região central da cidade⁵. Naquela mesma semana a cidade recebeu o total de 105 haitianos. A chegada dos grupos maiores de haitianos a partir de março de 2011 fez com que o governo estadual se mobilizasse e buscasse uma solução ou um paliativo imediato para duas demandas principais, alojamento e alimentação (COTINGUIBA, 2014).

Ao chegarem em Porto Velho, os haitianos, segundo Pimentel e Cotinguiba (2014)

[...] foram facilmente inseridos em atividades ligadas à: construção civil, essa com quase 50% de aproveitamento da mão de obra dos haitianos; diaristas, gastronomia, bares, restaurante, serviços domésticos, comércio varejista (supermercados), limpeza urbana e outras atividades que requeriam trabalhadores para atividades mais operacionais.

Ao se reterritorializarem em Porto Velho, os haitianos mantiveram contato com as religiões, costumes culturais e culinários locais. Também participaram de aulas de língua portuguesa para obterem informações básicas no processo de comunicação. Os estudos de Cotinguiba e Cotinguiba (2017) mostram que

a chegada, passagem, circulação e estabelecimento de imigrantes haitianos na cidade de Porto Velho contribuiu para uma modificação do tecido urbano, com concentração mais densa em bairros como Agenor de Carvalho, Liberdade e Nova Porto Velho. O setor imobiliário alterou-se em função dessas pessoas, seja na relação com os inquilinos de imóveis fixados em um mesmo lote, com a vizinhança, os proprietários ou no comércio da localidade. Pelas ruas, embaixo de alguma árvore, em frente aos imóveis, nos mercados e igrejas a presença haitiana é notável. A criação de igrejas haitianas é algo novo em Porto Velho, principalmente pelo fato de serem construídas em bairros próximos ao centro da cidade e não em áreas mais distantes e periféricas da cidade. Não foi o capital imobiliário que determinou as localizações haitianas, mas sim o fato da primeira casa de apoio - lugar onde foram abrigados os haitianos, se localizar próximo ao centro da cidade.

É sabido que muitos haitianos já foram para outras cidades do país e até mesmo outros países. O fluxo em Porto Velho tem diminuído, mas a concentração de haitianos em Porto Velho ainda é considerada expressiva.

Adentramos, a partir desse instante, a seção 4 de análises, a qual apresentaremos os dados da pesquisa e as análises.

4. AS ANÁLISES DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

“Sobre a palavra saudades... Não sabiam logo que chegaram aqui, o significado de saudade”. Diário de Campo- Brito (2018)

Iniciar uma seção de análise em uma dissertação de mestrado é apontar para um caminho com pontes que integram. Essa integração em pesquisa acadêmica requer cuidado e certo zelo pela imparcialidade no tratamento dos dados. A nossa aproximação com haitianos em Porto Velho, nos permite uma visão bem ampla de diversos fatores sociais, econômicos e humanitários. Não queremos aqui

tratar os sujeitos haitianos como meros sujeitos informantes de dados. Aqui, prezando é claro por essa imparcialidade científica, nos deslocamos, momentaneamente, por entender que não podemos nos furtar de externar nosso afeto a esses seres humanos dóceis, especiais, com tantas lições de vida a nos ofertar.

Explanado esse tópico, nossas análises estarão norteadas em cinco subseções, uma com cada informante haitiano, residente em Porto Velho. Em cada uma dessas análises estarão expostos elementos sobre a memória, identidade, pertencimento e a constituição das suas formações discursivas no que se refere a regularidade e dispersão. Passamos aos dados.

4.1 DISCURSOS REGULARES E DISPERSOS SOBRE A MEMÓRIA

“...o fato de ouvir a nossa língua (creole) que eu sentir falta de ouvir todo mundo falar creole”. Rosline Baptiste

Sobre as regularidades de elementos da memória, encontramos nos discursos dos cinco haitianos um dispositivo de ligação com o povo negro do país despertado pelo seu herói haitiano, Dessalines. Destacamos as menções dos dois entrevistados. Para Rosline Baptiste, “ele batalhou muito pela liberdade dos negros haitianos”, para Joseph Watsony, “ele iniciou a nossa independência, com toda decisão foi tomada para ele contra os franceses”.

Essa ligação com o Haiti, para os entrevistados, também se faz presente pela bandeira haitiana, muito embora o país esteja passando por dificuldades. A bandeira é motivo de “muito orgulho”, comentou a haitiana. Há também um sentimento de liberdade, como mencionam Jean Pierre e Philippe Frantz. Esse sentimento ocorre após o período da escravidão negra, ou seja, uma memória coletiva. Para Halbwachs (2004, p.25) “[...] as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas, partindo-se da vivência em grupo”.

Outro ponto regular que remete à memória presente nos discursos é a falta/saudade de casa, que para Rosline “que fica na frente do mar”, nesse momento a haitiana desenhou um coração, isso revela o afeto do povo caribenho haitiano com suas belezas naturais e certa saudade da entrevistada de seu lar, tão próximo às águas do “seu” paraíso. Nesse sentido, contribui Pollak (1992) ao informar que “a

memória assemelha-se a um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”.

Finalmente, no que consiste à memória dos entrevistados, há uma ativação dos haitianos quanto a memória coletiva para a lembrança de aspectos culturais e culinário do país, como a sopa de primeiro de janeiro, momento em que “todas as crianças tem que ir na casa das pessoas mais velhas pra falar bom dia! E desejar um feliz ano novo e ganha um bombom (risos)”. Detectamos que essa sopa “soup joumou” é muito tradicional no Haiti, porque é considerada um dos símbolos da independência do país. Ela é preparada com abóbora, cenoura, carne bovina, alho, pimenta preta, pimenta malagueta cebolinha, sal e outros temperos do lugar. Segundo, nossos interlocutores, antes da independência os colonizadores franceses tomavam sopa, mas os negros escravizados não podiam, apenas preparavam a sopa. Após a última batalha contra as tropas francesas, no entanto, Dessaline decretou que todos os habitantes da ilha iriam tomar sopa em todo 1º de janeiro iriam tomar sopa, em memória da liberdade do povo haitiano. Halbwachs (2004, p.25) contribui com o pensamento de que essa memória é do tipo coletiva, uma vez que “nós podemos criar representações do passado baseadas na percepção de outras pessoas, naquilo que imaginamos que aconteceu ou internalizando representações de uma memória histórica”. Para esse autor, dessa forma, a lembrança é uma “imagem que ininterruptamente está junto com outras imagens e é, em larga medida, uma reconstrução do passado que é feita com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 2004, p.25). A memória aqui, em síntese, foi atividade de interação dos haitianos com a) seu povo negro via Dessalines e a bandeira; b) as belezas naturais do país; c) a sopa de primeiro de janeiro. Dessa forma, Halbwachs (2004, p. 26) nos menciona o fator de que não há memória que seja simplesmente imaginação pura e simples, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito, pois

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 2004, p.26).

Blondel (1966, p.44) menciona que o passado oferece continuidade, “[...] consistência e objetividade não por causa da memória individual, mas devido à

intervenção de fatores sociais”, e por isso “tais fatores permitem ao sujeito registrar sua experiência em quadros coletivos de memória, nos quais compartilha com membros de seu grupo os eventos vividos” (BLONDEL 1966, p.44).

Quanto aos discursos dispersos, sobre a memória, enquanto todos os entrevistados remeteram a bandeira à zona de libertação da escravatura, Rosline Baptiste aponta que “apesar de que os haitianos estão passando no país quando a bandeira agente sentir uma ligação entre nós”. Ela aciona uma memória de ligação entre o povo haitiano, através desse discurso disperso. Foucault (2009, p.43) demonstra que todo discurso é constituído de base de formações. Para isso, ele nos apresenta o conceito de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...).

É possível compreender que o autor informa um funcionamento por posições de repetições de enunciados em uma determinada formação de discursos, a esse fator, é denominado regularidade. Existem também nessa menção de regular os atos dispersos, que não aparecem com frequência no discurso, e a essa ação, o autor designa de dispersão. Nesse limiar interpretativo as regularidades e dispersões em um dado discurso contemplam o termo formação discursiva.

Para Foucault,

[...] a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos. (FOUCAULT, 2008, p. 6)

Muito nos interessa esse conceito de repetição ou de “falhas” que se enunciam no discurso. Foucault, (2009, p. 76) menciona que “[...] uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam”. Em outras palavras, o autor assevera que “[...] se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações” (FOUCAULT, 2009, p. 76).

Quando falamos de memória, estamos falando de registro documental, sobre essa questão, Foucault (2008, p. 7) aponta que

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado, e o que é apenas rastro: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações.

Quando pensamos na haitiana que desenha um coração quando fala da casa que fica na frente do mar, há uma definição de próprio tecido, de documento definido, elo histórico de pertencer ao lugar haitiano, presente (vivo) e ativado pela memória.

Se pensarmos que “morrer pela pátria é bom” como disseram os haitianos ao ativarem o que pensam sobre o hino nacional do Haiti, notamos que ocorreu então um processo de regularidade, isso porque, pela teoria:

[...] no caso em que puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Na prática, os haitianos ao deixarem a pátria amada, também morrem um pouco pelo país. Morrem em deslizamento de saudade, migram para outros campos simbólicos, mas resistem em ato soberano de amor ao lugar, como ato heroico de bravura como bem fizeram seus antepassados. Apresentamos um quadro de síntese de regularidades e dispersões sobre memória a partir da próxima página:

Quadro 4 - Quadro de regularidade sobre memória

1ª regularidade	2ª regularidade	3ª regularidade	4ª regularidade
Dessalines	Saudade de casa	Culinária	Escravidão

Fonte: dados da pesquisa (Brito, 2018)

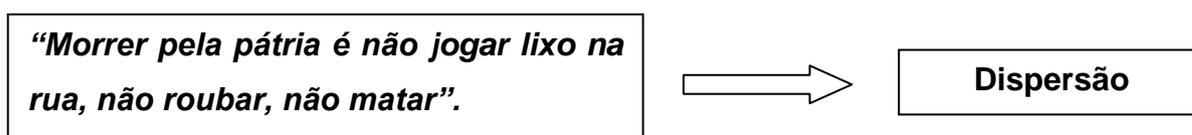
Dentre as formações discursivas dos entrevistados sobre memória, a maior regularidade foi a de Dessalines como herói da história do Haiti, presentes nos discursos Rosline, Joseph, Jean Pierre, Philippe e Adner. O segundo maior vínculo de memória foi a saudade de casa, do lar, do reduto familiar, que percebeu-se nos

enunciados de Rosline e de Jean Pierre. O terceiro discurso regular sobre memória foi a saudade das comidas do país presentes nas palavras de Rosline e de Adner.

Finalmente, o quarto discurso regular foi a ativação da escravidão no processo de luta do Haiti com a França para se tornar uma república independente mencionado por todos os nossos interlocutores. A “garra” dos escravos é homenageada pelos entrevistados como símbolo de amor ao país. A memória “[...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Isso nos faz pensar que memória e lembrança estão fortemente relacionadas à identidade, isso ocorre porque “[...] A memória se enriquece com as contribuições de fora que, depois de tomarem raízes e depois de terem encontrado seu lugar, não se distinguem mais de outras lembranças” (HALBWACHS, 2006, p. 98). Sejam elas memórias individuais ou coletivas, concluímos que as regularidades estão no campo da convivência em sociedade, ou seja, eleita por uma convenção social. É o que assevera Pollak (1989, p. 9) ao afirmar que essa convenção é uma “[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar”.

Apresentamos um quadro alusivo à dispersão sobre memória. Vejamos:

Quadro 5 - Quadro de dispersão sobre memória



Fonte: dados da pesquisa (Brito, 2018)

O Haiti é um país empobrecido que apresenta alta taxa de pobreza e desigualdade social. Notamos no discurso de dispersão de Rosline Baptiste, que há uma preocupação do entrevistado com o meio ambiente de “[...] não jogar lixo na rua”, ação comum em países sem muitos recursos para promover o desenvolvimento sustentável e a reciclagem de lixo. O trecho “morrer pela pátria” é do hino do Haiti que fora remorado e metaforizado em prol do meio ambiente. A parte de “não roubar” e não “matar” presente nesse discurso disperso, também é alusivo ao que o baixo desenvolvimento econômico do Haiti pode provocar na

população empobrecida: o desespero pela sobrevivência. Se os demais discursos regulares prezaram por enaltecer que o hino rememora à liberdade, esse sujeito pesquisado, em seu discurso, persevera que as boas práticas podem ser consideradas também uma declaração de amor ao Haiti. Isso é perceptível quando comparamos essa dispersão com as contribuições do Nora (1993, p. 9) ao dizer que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9).

Vislumbramos, dessa forma, que a certa censura a quem mata, rouba e não respeita o meio ambiente, se faz presente porque ela realmente faz parte das condições de produção de quem emite o discurso e convive em meio a desigualdade que assola uma república empobrecida – ao longo do tempo, porque a memória “registraria, sob a forma de imagens lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam” (BERGSON, 2006, p. 88).

4.2 Discursos regulares e dispersões sobre a Identidade e pertencimento

A respeito da regularidade sobre a identidade, nota-se que para Jean Pierre e Philippe, o hino nacional haitiano representa um aspecto de liberdade, o mesmo ocorre com os discursos sobre a bandeira. Essa identificação com a bandeira é um elo universal entre os haitianos espalhados pelo mundo. Jacques (2006) compreende que um indivíduo, “mesmo sofrendo transformações, sempre se estabelece a mesma Identidade”. Esse processo de identidade realizada no campo individual e coletivo faz alusão ao fato de “que o indivíduo vai se desenvolvendo como um ser único, com suas especificidades, ao longo de sua trajetória de vida particular” (ANDRÉ, 2008). Nas cores da bandeira haitiana há elementos patriotas de dor, superação, de guerra, sangue, luta pela libertação de escravos e nascimento de uma nova pátria livre. Essa ligação identitária da bandeira entre os haitianos informada pelos entrevistados garante um sentimento uno entre seu povo reterritorializado por inúmeros países do mundo. Castells (2008, p.22) assegura que a identidade é um

[...] processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas.

A identidade, dessa forma, é construída como base nos atributos culturais inter-relacionados. Há, então, nos haitianos entrevistados, uma identidade coletiva quanto ao hino nacional haitiano, por tratar de questões identitárias do país, por representar na letra um sentimento inaugural do Haiti, mostrando as batalhas e as mortes como ato de bravura. Até mesmo nas cores da bandeira há uma reação coletiva, que já alinhamos aqui como sentimento regular. Isso conforme Gregolin (2006, p. 91):

Quando se conseguir enxergar, analiticamente, na dispersão de enunciados, regularidades de acontecimentos discursivos, estaremos, segundo Foucault, diante de sua positividade, que caracteriza sua unidade através do tempo e muito além das individuais, dos livros, e dos textos. Se a positividade não revela quem estava com a verdade, pode mostrar como os enunciados “falavam a mesma coisa”, colocando-se no “mesmo nível”, no “mesmo campo de batalha”. Toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva comunica-se pela forma de positividade de seus discursos, pois ela desenvolve um campo em que podem ser estabelecidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos.

Quanto aos discursos dispersos sobre a identidade, destacamos as formações discursivas de Rosline. A entrevistada demonstra uma identificação linguística com o Kreyòl haitiano, ato que se desperta quando ela ouve o hino nacional de seu país. Não são as mensagens identitárias do hino que a despertam, mas sim “o fato de ouvir a nossa língua (Kreyòl) que eu senti falta de ouvir todo mundo falar Kreyòl”. Nesse sentido, as contribuições de Young (2005) mensuram que

hoje, as identidades que se declaram móveis e múltiplas, podem ser indicação, não de desapropriação e fluidez social, mas antes de uma nova estabilidade, segurança de si e quietismo. A fixidez da identidade só é buscada em momentos de instabilidade e ruptura, de conflito e mudança. [...] a heterogeneidade, o intercâmbio cultural e a diversidade se tornaram agora a identidade autoconsciente da sociedade moderna (YOUNG, 2005 p. 5).

Rosline, filiando-se a uma identidade linguística, reconhece o Kreyòl, e não o francês. Essa saudade se desperta por estar em contato com brasileiros falantes de

língua portuguesa, daí a importância de ativar a fixidez da identidade, buscada em momento de ruptura e mudança.

O ato de pertencer à determinada região, cidade, estado, país, enfim, no sentido geográfico é também uma característica identitária. O pertencer também se relaciona aos grupos sociais e de convívio como por exemplo: a religião, o time de futebol, a uma entidade, e a sua língua, que o caso exposto por Rosline.

Lesting (2004, p.40) apresenta-nos uma concreta definição sobre pertencimento:

A priori esse conceito – pertencimento –pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva.

Essas contribuições teóricas também corroboram para o que a entrevistada informa sobre o orgulho que sente da bandeira “[...] quando a bandeira agente sentir uma ligação entre nós”. Esse ato de pertencer, é trabalhado por Sá (2005) como uma “capacidade do ser humano de se sentir pertencente ao meio, enraizado”.

Apontamos como elemento de pertença, também, o sentimento do haitiano como o dyaspora (diáspora), segundo a Rosline Baptiste, dyaspora é “uma pessoa vem de país estrangeiro”, ou seja, é quando um haitiano residente em outro país retorna ao Haiti para rever os familiares (não somente que volta ao país, mas quem vive em outro lugar). Rosline declara pontos negativos como: “[...] pra mim não tem importância porque quando essas pessoas que viajam no avião quando eles chegam no Haiti eles se acham no nível acima dos outros” e pontos positivos como

a maioria dos haitianos que moram no Haiti é graças a Deus e a nós que estão no país estrangeiro que eles comer, que as crianças estudar porque não tem trabalhar não tem como sobreviver, é graças ao nosso esforço (lavar banheiro, casa da família humilhada) que eles estão vivendo. (Rosline Baptiste.)

Dyaspora, sujeito que vive fora do país, é também, para Rosline, a pessoa que ajuda a família no Haiti. Segundo Rosline, o dyaspora “manda dinheiro para casa”, porque, por exemplo, “está no Brasil lavando banheiro em empregos domésticos sofrendo humilhações”, para ajudar quem ficou. Assim, estar fora não

rompe o laço com seu país origem e seus familiares que precisam sobreviver no Haiti.

Lestingue (2004) afirma que “o pertencimento e a identidade levam ao enraizamento e após a um desenraizar, como um movimento, a práxis da identidade”. As relações de identidade e pertencimento ao lugar são desenvolvidas no processo de apropriação e de territorialização do espaço. Isto se dá quando os sujeitos ultrapassam a necessidade da apropriação de um locus, ou seja, quando se desenvolvem, neste local, valores ligados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, reformulando o espaço onde vive, ao qual se identificam e se sentem pertencer (RAFFESTIN, 1993). Passamos para um quadro que apresenta as regularidades discursivas e a dispersão. Vejamos, a seguir:

Quadro 6 - Quadro de regularidade sobre identidade e pertencimento

1ª regularidade	2ª regularidade	3ª regularidade
Hino e bandeira como símbolo de liberdade	Antepassados	Escravos

Fonte: dados da pesquisa (Brito, 2018)

Os haitianos participantes da nossa pesquisa apontam sobre a identidade e pertencimento de ocasiões relacionadas à sua história de luta, dor e superação para alcançar a independência da França. O primeiro discurso mais regular é que o hino e a bandeira do país representam a liberdade encontrados nos enunciados de Joseph, de Jean Pierre, de Philippe e de Adner. O segundo discurso regular é de que os antepassados são os heróis de uma história de luta, presente nas falas de Joseph e de Adner e o terceiro também se referem a heróis da história haitiana, os escravos haitianos que brigavam pela separação da França, destacados nas falas de Joseph, de Jean e de Philippe. Estamos diante da cultura haitiana. Ao pensarmos em cultura, trazemos as contribuições de Amaral (2012, p. 89) “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro. É que, acima das culturas individuais, somos seres sociais que interagimos culturalmente”. Tylor (1871, p. 3) menciona que cultura é “o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”, dessa forma, agregando as contribuições de Amaral (2012) e Tylor (1871) ao nosso escopo de pesquisa, podemos assegurar que os haitianos reterritorializados em Porto Velho mantêm seus costumes, suas crenças e hábitos de forma híbrida com os novos costumes na

cidade de Porto Velho, mais uma vez, frisando, sem deixar sua identidade e pertença original (do Haiti). Com essa afirmação de Amaral (2017) compreendemos melhor a existência desse fenômeno:

Sendo a humanidade reflexo de suas interações, entende-se a Multiculturalidade como a existência de diversas culturas, distintas entre si, num espaço físico (localidade, cidade ou país), sem que qualquer delas se sobreponha às demais e a Interculturalidade como trocas, partilhas, interações culturais, de hábitos e costumes que se verificam entre indivíduos de culturas diferentes.

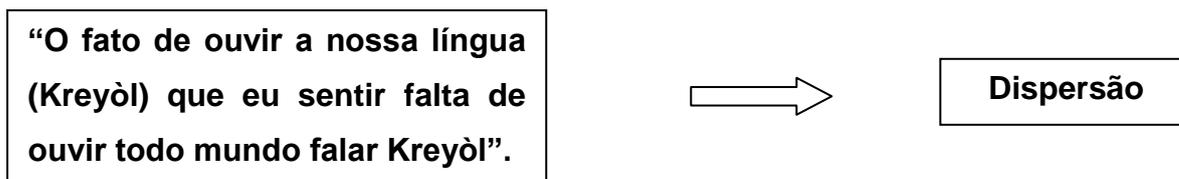


Imagem 12 - Festa da Bandeira Haitiana no Brasil, em 2014 organizada pelo MIMCAB

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.

Não é nosso objetivo mostrar os processos de multiculturalidade, mas ele é importante para fortalecer a ideia de que os haitianos reterritorializados em Porto Velho, não deixaram de pertencer e nem de se identificar com o território do Haiti, como mostramos em nossas análises. Passamos para um quadro de dispersão sobre o discurso de identidade e pertencimento:

Quadro 7 - Quadro de dispersão sobre identidade e pertencimento



Fonte: dados da pesquisa (Brito, 2018)

O discurso identitário e de pertença disperso, foi o de cunho linguístico. A língua Kreyòl faz falta para a haitiana. Essa falta significa muito. Amaral (2017, p. 216) afirma que “[...] a língua não informa sobre o mundo, mas informa o mundo”. Essa reflexão de Amaral nos permite pensar que a haitiana ao não ouvir a sua língua sente-se desinformada do mundo, deslocada dele, muito embora o ensino de língua portuguesa seja ofertado a esses haitianos para que assim eles “recebem” o mundo. Amaral (2017, p. 217) analisa que

Assim como a língua, os costumes e as crenças, próprios de uma determinada cultura, passam por um processo de aprendizado, de experiência e de descoberta, permitindo a sobrevivência e a resistência de comunidades na busca pelo empoderamento.

Pelo exposto, podemos dizer que esse discurso disperso é um fenômeno linguístico diante os processos de migração. A língua não se reterritorializa, mas o mundo sim, ou seja, a percepção da forma de receber o mundo muda, através da língua. Esse fenômeno vai de encontro com os estudos de hibridismo, não estudados aqui e que poderão ser abordados em outras investigações futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa apropriou-se de discursos de haitianos reterritorializados em Porto Velho. Temática relevante e contemporânea, a migração tem sido alvo de nossas investigações desde a graduação. Buscamos não trabalhar as questões sociais e econômicas do Haiti e nos aprofundamos na apresentação de estudos culturais, buscando extrair elementos identitários dos haitianos residentes em Porto Velho. Dessa forma, descrevemos elementos da memória exarados pelos haitianos, levantamos aspectos da identidade e pertencimento da pátria caribenha em discursos de sujeitos haitianos e detectamos as formações discursivas nos discursos desses sujeitos, descrevendo as regularidades e dispersões nas interpretações feitas pelos imigrantes sobre o hino nacional e a bandeira do Haiti.

Trabalhamos a linguística de viés discursivo, considerando o que foi transmitido pelos imigrantes haitianos. Analisamos os enunciados discursivos sobre a pátria através de regularidades dispersões.

O corpus do nosso trabalho é constituído por discursos de cinco haitianos reterritorializados em Porto Velho que concederam entrevistas sobre três aspectos: uma relacionada ao hino nacional haitiano, outra relacionada à história da bandeira haitiana e uma última, para que eles explanassem sobre seus sentimentos em relação ao país de origem – Haiti.

As teorias que nortearam o desenvolvimento do nosso trabalho, foram: a) memória; b) territorialidade, cultura, pertencimento e Identidade e c) análise de discurso de linha francesa – considerações introdutórias e os conceitos de regularidade e dispersão.

A conclusão mais definitiva que tiramos das análises foi que os haitianos apontaram, em suas regularidades discursivas, para uma cultura de valorização ao hino como símbolo de liberdade e de luta dos seus antepassados. Dispersivamente, ainda pudemos notar que ouvir no “novo” território a língua Kreyòl Aisyen falada no Haiti, é motivo de saudade e nostalgia entre os imigrantes reterritorializados em Porto Velho.

Esse processo ocorreu por uma filiação a uma identidade linguística, que reconhece o Kreyòl Aisyen, e não o francês, essa saudade se desperta por estar em contato com brasileiros falantes de língua portuguesa, daí a importância de ativar a fixidez da identidade, buscada em momento de ruptura e mudança.

O ato de pertencer à determinada região, cidade, estado, país, enfim, no sentido geográfico é também uma característica identitária. O pertencer também se relaciona aos grupos sociais e de convívio como por exemplo: a religião, o time de futebol, a uma entidade, e a sua língua, que o caso exposto pela declarante.

Também extraímos das análises que se pensarmos que “morrer pela pátria é bom” como disseram os haitianos ao ativarem o que pensam sobre o hino nacional do Haiti, notamos que ocorreu então um processo de regularidade, pela teoria, na prática os haitianos ao deixarem a pátria amada, também morrem um pouco pelo país. Morrem em deslizamento de saudade, migram para outros campos simbólicos, mas resistem em ato soberano de amor ao lugar, como ato heroico de bravura como bem fizeram seus antepassados.

Em resposta a questão norteadora “a reterritorialização para Porto Velho alterou o curso identitário dos haitianos em relação ao pertencimento à pátria?” A resposta da nossa investigação é não. O que houve foi um direcionamento para o hibridismo cultural. Isso porque a língua não se reterritorializa, mas o mundo sim, ou seja, a percepção da forma de recepcionar o mundo muda, através da língua. Nossas análises demonstraram que os haitianos reterritorializados em Porto Velho, não deixaram de pertencer e nem de se identificar com o território do Haiti. As relações de identidade e pertencimento ao lugar são desenvolvidas no processo de apropriação e territorialização do espaço. Isto se dá quando os sujeitos ultrapassam a necessidade da apropriação de um locus, ou seja, quando se desenvolvem, neste local, valores ligados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, reformulando o espaço onde vive, ao qual se identificam e se sentem pertencer (RAFFESTIN, 1993).

Nossa pesquisa aponta para outras possibilidades de análise, quais sejam, como se dá esse processo de reterritorialização dos imigrantes haitianos em outras regiões do Brasil. Muitos membros das famílias dos nossos interlocutores foram para outros estados do Brasil, sobretudo para Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, principalmente pela oferta maior de empregabilidade nesses estados do Sul. Entretanto, segundo nossos entrevistados, Porto Velho é uma cidade que há uma identificação maior com o Haiti. Isso se dá por alguns aspectos, tais como, o calor, as feiras, as frutas (principalmente a banana comprida que é semelhante a que é apreciada e consumida no Haiti), o modo de vida das pessoas, dentre outras semelhanças. Já nos estados do Sul, conforme os haitianos e as haitianas, faz frio,

não há tanta oferta de frutas (não tem em abundância a banana comprida), poucas feiras e vida social é diferente, parece que não é Brasil”, segundo Rosline. Essas percepções foram obtidas por meio das conversas informais que tivemos com nossos interlocutores, por isso não foram o objeto central de nossas análises.

Assim, deixamos como agenda de pesquisas futuras a possibilidade de pensar de que maneira os haitianos e as haitianas se inseriram ou estão se inserindo, mesmo que essa inserção seja relativa, em outras regiões do Brasil, sobretudo nas questões linguísticas, identitárias e culturais. Esperamos, de toda forma, com esta pesquisa, contribuir com trabalhos futuros na área.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do, Proposta para a formação de professores ribeirinhos no Estado de Rondônia. Revista Exitus. Volume 02. nº 01. Jan./Jun. 2012
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. Revista Amazônica. Ano 10, Vol XIX, Número 1, Jan-Jun, 2017
- ANDRÉ, M. C. O ser negro: a construção de subjetividades em afro-brasileiros. 1 ed. Brasília: LGE Editora, 2008. 266p.
- BLONDEL, C. Introducción a la Psicología Coletiva. Buenos Aires: Troquel, 1966.
- BRUNER, Jarome. A construção narrativa da realidade. Critical Inquiry. Trad. Waldemar Ferreira Netto, 1991.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. 4 ed. São Paulo: edusp, 2013
- CASTELLS, M. O poder da identidade. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro & COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel. Fronteiras e aspectos do rito de mudança de categoria jurídico-política dos sujeitos haitianos em mobilidade transnacional no Brasil. In. Imigração haitiana no Brasil. BAENINGER, Rosana et. al. (Org.). Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro & COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel. Rondônia, um estado de fronteira na Amazônia ocidental brasileira: fluxos migratórios do passado e a imigração haitiana no início do século XXI. In. Revista Territórios & Fronteiras. Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez. 2015.
- EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1979.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. Da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- HANDERSON, J. Diaspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GREGOLIN, M. R. V. Discourse analysis: concepts and aims. Alfa (São Paulo), v.39, p.13-21, 1995.
- GREGOLIN, M. R. F. V. Análise do Discurso - o sentido e suas movências. 2001
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400p.

HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 207-233, 419-476.

LESTINGE, Sandra Regina. *Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento*. 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba.
LIMA, Fernando Henrique. *Um método de transcrições e análise de vídeos: a evolução de uma estratégia*. Universidade Federal de Minas Gerais. 2013.

LIMA, J.C.R. Michel Foucault e as regularidades discursivas: algumas reflexões. Disponível em: < <http://www.neauerj.com/Nearco/arquivos/numero9/7.pdf> > Acesso em: 15 de abril de 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Textualidade*. Campinas. Editora Pontes, 2006.

PALLATIERI, M; GRANDO, R. C. A importância da videogravação enquanto instrumento de registro para o professor do pensamento matemático de crianças pequenas. *Horizontes*, São Francisco, v. 21, n. 2, p. 21-29, jul./dez. 2010.

PÊCHEUX, M. Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. *Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux)*. Campinas: Pontes, 1990.

PLANAS, N. Modelo de análisis de videos para elestudio de procesos de construcción de conocimiento matemático. *Educación Matemática*, México, v. 18, n. 1, p. 37-72, abr. 2006.

PIZZOLOTTO, Camila. RIMES, Felipe & SILVA Regina. *Revolução Haitiana e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Núcleo de Estudos Contemporâneos. Universidade Federal Fluminense, 2016. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Revolucao_Haitiana_e_a_Declaracao_dos_Direitos_do_Homem_e_do_Cidadao.pdf> Acesso em 02 de abril de 2018.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

POWELL, A.; FRANCISCO, J.; MAHER, C. Uma abordagem à Análise de Dados de Vídeo para investigar o desenvolvimento de ideias e raciocínios matemáticos de

estudantes. Tradução de Antônio Olímpio Junior. Boletim de Educação Matemática - BOLEMA. Rio Claro, n. 21, 2004.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. Ed. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. 266p.

SÁ, Lais Mourão. Pertencimento. In ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministerio do Meio Ambiente, 2005, p. 245 - 256.

SAMORA, Daniela. Um Recorte Do Discurso Midiático Sobre O Processo De Imigração Haitiana Na Amazônia: Uma Análise Das Regularidades Discursivas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho, 2015.

SOUZA, M. L. Território e (des) territorialização. In: SOUZA, M. L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. cap. 4, p. 77-110.

YOUNG, R. O Desejo colonial. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1995].

Sites consultados

Mestrado Acadêmico em Letras/UNIR: <http://www.mestradoemletras.unir.br/>

Portal Diversitas USP: <http://diversitas.fflch.usp.br/node/3735>

APÊNDICE A

Transcrição 1

Rosline Baptiste (FEMININO)

Para você quem é o maior herói da história do Haiti? Explique o motivo

Dessalines. Porque ele batalhou muito pela liberdade dos negros haitianos.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

Na verdade não é o hino, mas o fato de ouvir a nossa língua (creole) que eu sentir falta de ouvir todo mundo falar creole.

Morrer pela pátria! Qual sua interpretação e sentimento em relação a essa frase do hino do seu país?

A gente cantar sem saber mesmo a verdadeira significativo porque pra mim se eles sabia o significativo o país não seria assim com certeza. Morrer pela pátria e não jogar lixo na rua, não roubar, não matar, etc...

O que a bandeira Haitiana representa para você?

Muito orgulho porque apesar de que os haitianos estão passando no país quando a bandeira agente sentir uma ligação entre nós.

O que você mais sente falta no Haiti?

A minha casa que fica na frente do mar (ela desenhou um coração) e a sopa de primeiro de janeiro que todas as crianças tem que ir na casa das pessoas mais velha pra falar Bom dia! E desejar um feliz ano novoe ganha um bombom kkkk.

Qual o seu sentimento em relação à França?

É um país que eu quero visitar porque meu namorado morar lá e também pra descobrir coisas novas do mundo.

Quem você considera o maior traidor da história do Haiti?

Os haitianos mesmos.

O que significa para você um diáspora? Qual a importância dele para seu país?

É o fato que uma pessoa vem de país estrangeiro, mas não é uma coisa que eu gosto pra mim não tem importância porque quando essas pessoas que viajam no avião quando eles chegam no Haiti eles se acham no nível acima dos outros, mas também tem o lado positivo que a maioria dos haitianos que moram no Haiti é graças a Deus e a nós que estão no país estrangeiro que eles comer, que as crianças estudar porque não tem trabalhar não tem como sobreviver, é graças ao nosso esforço (lavar banheiro, casa da família humilhada) que eles estão vivendo.

Transcrição 2

Joseph Watsony (MASCULINO)**Para você quem é o maior herói da história do Haiti? Explique o motivo.**

Do meu ponto de vista, um dos maiores herói da história do Haiti podemos considerar em primeiro J.J Dessalines, porque ele iniciou a nossa independência, com toda decisão foi tomada para ele contra os franceses.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

Ao ouvir o hino do Hiati é uma honra de escutra, fico muito encantado quando estou escutando é mais uma vitória.

Morrer pela pátria! Qual sua interpretação e sentimento em relação a essa frase do hino do seu país?

Morrer pela pátria é uma das partes do hino que está muito interessante para a população haitiana, porque pela pátria é dizer morrer para nossos irmãos estão sofrendo como escravo desta época escravagista.

O que a bandeira Haitiana representa para você?

No dia de hoje a bandeira Haitiana representa para mim, após do período escravagista , somos livres para viver e agir.

O que você mais sente falta no Haiti? Pode ser sobre a cultura, culinária, festas tradicionais, etc.

A falta que sinto mais do Haiti é a cultura haitiana de certa forma a cultura é um dos elementos muito mais importante que faz a ser, ser feliz de viver. Portanto, a cultura de um país para outro claro que existe contraditório, o tipo de comportamento, a forma de tratar as pessoas, etc...

Qual o seu sentimento em relação à França?

Com relação a França o sentimento que existe deveria ter existido, mas vale a pena de se livrar da França na época da escravidão.

Quem você considera o maior traidor da história do Haiti?

A consideração do maior traidor da história do Haiti em si, somos culpados.

O que significa para você um diáspora? Qual a importância dele para seu país?

A diáspora no meio social, na pátria, é uma das principais considerações primárias dos nossos irmãos.

Transcrição 3

Jean Pierre (MASCULINO)

Para você quem é o maior herói da história do Haiti? Explique o motivo.

Dessaline todos quero vive em liberdade vem comigo, quem quero ficou esclavajis sai comigo.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

Quando eu ouvir o hino do Haiti, eu sente um sentimento eu sou uma pessoa liberdade.

Morrer pela pátria! Qual sua interpretação e sentimento em relação a essa frase do hino do seu país?

Morrer pela pátria explique qualquer causa nossa, não volta pela esclavajis de novo. Porque nossa ficou pra viver bem, em liberdade.

O que a bandeira Haitiana representa para você?

Liberdade todos haitianos, união fazer força.

O que você mais sente falta no Haiti? Pode ser sobre a cultura, culinária, festas tradicionais, etc.

Eu sente muita causa, Haiti falta.

Qual o seu sentimento em relação à França?

Eu não tenho sentimento porque eu não fui à França.

Quem você considera o maior traidor da história do Haiti?

Caprois la mort Christophe Colomb, peturi (acho que ele quis escrever petieri)

O que significa para você um diáspora? Qual a importância dele para seu país?

Uma pessoa deixa país dele por outro país. Quando sai pelo outro país, ve outro causa de novo.

Transcrição 4

Philippe Frantz (MASCULINO)

Para você quem é o maior herói da história do Haiti? Explique o motivo.

Dessalinefala todo que quele viv bem sal liberdade. Vem comigo.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

Um sentimento liberdade.

Morrer pela pátria! Qual sua interpretação e sentimento em relação a essa frase do hino do seu país?

Morrer pela pátria explique qualquer coisa, não volta esclavajis de novo, fica para viver bem.

O que a bandeira Haitiana representa para você?

A bandeira haitiana representa: não haitienne libertá e Gálida fraternida.

O que você mais sente falta no Haiti? Pode ser sobre a cultura, culinária, festas tradicionais, etc.

Eu sente muito coisa falta no Haiti.

Qual o seu sentimento em relação à França?

Não koloniese França.

Quem você considera o maior traidor da história do Haiti?

Christo Colomb, Capois la mort, petition.

O que significa para você um diáspora? Qual a importância dele para seu país?

Muito pessoa deixa Haiti pela ver muita coisa bem.

Transcrição 5

Adner Charles (MASCULINO)

Para você quem é o maior herói da história do Haiti? Explique o motivo.

Para mim o maior herói da história do Haiti é o Jean Jacques Dessalines porque foi ele quem lutou para a nossa independência. Por isso ele se tornou o primeiro presidente do Haiti.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

Me sinto cada vez mais orgulhoso por ser um haitiano.

Morrer pela pátria! Qual sua interpretação e sentimento em relação a essa frase do hino do seu país?

É tudo o que nossos antepassados fizeram, ou seja, lutaram para nos libertar, pra nos deixar independentes.

O que a bandeira Haitiana representa para você?

Representa pra mim tudo que sou, a minha força, minha identidade, etc...

O que você mais sente falta no Haiti? Pode ser sobre a cultura, culinária, festas tradicionais, etc.

Eu sinto falta da minha cidade, dos meus amigos, das comidas típicas, dos passeios escolares, dos meus parentes, etc...

Qual o seu sentimento em relação à França?

Mais nada de escravidão.

Quem você considera o maior traidor da história do Haiti?

Nada a comentar.

O que significa para você um diáspora? Qual a importância dele para seu país?

“Diáspora”, é aquela pessoa que vive fora do país natal. São eles que estão ajudando o país economicamente a sair da miséria.